

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

PAULA OLIVEIRA DA SILVA

**ENCONTROS COM A ARTE:
EM CONTATO COM UMA
EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E SENSÍVEL**

CRICIÚMA/SC

2014

PAULA OLIVEIRA DA SILVA

**ENCONTROS COM A ARTE:
EM CONTATO COM UMA
EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E SENSÍVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA/SC

2014

PAULA OLIVEIRA DA SILVA

**ENCONTROS COM A ARTE:
EM CONTATO COM UMA
EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E SENSÍVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do grau de Licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com as Linhas de Pesquisa em Fundamentos da Arte e Processos e Poéticas.

Criciúma/SC, 25 de novembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Aurélia Regina de Souza Honorato - Mestre em Educação - (UNESC) -
Orientadora

Prof^ª. Amalhene Baesso Reddig - Mestre em Educação - (UNESC)

Prof^ª. Edite Volpato Fernandes - Mestre em Educação e Cultura - (UDESC)

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a duas mulheres que me motivam e incentivam a seguir o caminho da educação e do sensível, pois toda vez que as ouço falando de como é ser professora o meu corpo arrepia e estremece, como num aviso de que este também é meu caminho.

Gratidão a minha irmã Cristiane por me contar as suas primeiras histórias das aulas de biologia, onde percebia toda a sua atenção e dedicação em criar aulas que surpreendessem seus alunos, sempre levando materiais que os incentivavam a sair da folha do papel para conhecer e aprender sobre a ciência da vida com sensibilidade.

E a jovem Deise Pessi, que emociona a cada instante que me faz sorrir, rir e refletir nas leituras dos seus pequenos lembretes, os quais são memórias capturadas da imaginação e criatividade de seus alunos de arte e das crianças da Topic; e também, na poesia das suas fotografias, onde ela enxerga a beleza do indizível.

AGRADECIMENTOS

É muito bom entrar neste círculo para agradecer e olhar o outro com generosidade e respeito, pois cada um que esteve perto de mim nestes últimos quatro anos contribuiu da sua maneira, me incentivando ou até me questionando sobre essa nova etapa escolhida. Uma escolha que não tem mais volta, pois é um movimento de transformação para dentro da arte e do sensível que preenche todo o meu ser. Assim, sou grata a diversas pessoas, entre elas:

A minha orientadora Prof^a. Aurélia por acreditar neste tema da educação do sensível e por me apoiar a escrever com autoria e no meu ritmo; onde ao mesmo tempo em que aceitou os meus devaneios nas escritas, equilibrou com a ampliação dos meus conhecimentos através das conversas e dicas preciosas de novas leituras, autores e conceitos necessários a uma pesquisa acadêmica.

A todos os colegas da faculdade e do trabalho que me deram ânimo para estar neste espaço da arte. Em especial, a amiga Michele Alves Dias Lidio que deu o seu tempo para me ouvir, me apoiando a continuar nessa jornada; e ao amigo Breno Stern, que me mostrou a enxergar além do papel, a perceber as cores das nuvens e do céu, a sentir a tinta e o giz de uma forma sensível e encantadora, onde tudo é possível, só basta eu acreditar e confiar que posso ser autêntica.

À Prof^a. Edite que esteve em contato comigo diretamente nas minhas primeiras atuações como professora, dando tranquilidade e segurança com seu olhar sincero, me fortalecendo com serenidade nos diversos sentimentos e emoções que vivi naquele estágio, entre eles: receio, ansiedade, entusiasmo, alegria, frustração, afeto, animação e felicidade por ter superado este primeiro desafio com muita dedicação e compromisso com os alunos e com o ensino da arte. Pois percebi que no final tudo valeu a pena, e que cada contato com eles me fez querer refletir e aprender ainda mais sobre como se tornar uma professora que cativa, encanta e transforma os alunos através da arte.

À Prof^a. Amalhene (Lenita) por me encorajar na criação das minhas mandalas para a exposição do evento da UNESCO - *Primavera e Paz*, fazendo com que me sentisse determinada e entusiasmada a criar e mostrar aos outros algo que veio de mim de um modo tão intenso e verdadeiro.

E também aos colegas do setor Arte e Cultura que gentilmente me

auxiliaram na exposição das minhas mandalas de fios, e a esta Universidade, que cedeu o espaço para realizar a oficina para essa pesquisa.

A todos os demais professores que estiveram comigo neste período, sendo nas aulas, como também nos projetos de extensão e de pesquisa, e nas orientações dos outros estágios. Levo na memória o melhor de cada um nessa minha bagagem para caminhar com sabedoria pelos portais da educação.

Ao amigo João Marino Vieira que com suas poesias me auxiliou a percorrer com delicadeza cada pensamento, possibilitando criar uma poética nos detalhes dessa minha escrita.

Honro também, as mulheres e homens que estão presentes na minha vida e os que estão na lembrança do meu coração: a todos aqueles que vieram antes de mim, às avós e aos avôs, à mãe e ao pai, às madrinhas, às irmãs e aos irmãos, às amigas e aos amigos, enfim, às pessoas especiais que me ensinaram com sabedoria a amar e saber o momento ideal de me deixar fluir em busca de um novo caminho.

Então, aqui eu fecho este círculo de agradecimentos, mas não concluo, pois sei que existem outros seres presentes mergulhados neste meu jardim de flores, linhas e arte.

“Barulhinho vermelho de caju
e o riacho passando
nos fundos do quintal.

Dali
se escutavam os ventos com a boca
com um dia ser árvore.”

Manoel de Barros

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso caracteriza-se por uma pesquisa que percorre os jardins do sensível e da experiência estética através do olhar sobre uma *Oficina de Mandalas de Fios*, a qual foi ministrada em setembro de 2014 na UNESCO com nove participantes e que partiu de um convite feito para as pessoas pararem seus afazeres diários por uma tarde, permitindo-se desfrutar de seu tempo em um encontro com a arte e com experiências estéticas nos momentos em que pontos e linhas transformam-se em formas no espaço. Nessa jornada que vai ao encontro das linhas de pesquisa Fundamentos da Arte e Processos e Poéticas, diferentes autores nortearam e adubaram os caminhos e conceitos de arte, experiência estética, educação do sensível e mandalas; entre eles, destacam-se Duarte Junior (2000), Larrosa (2002), Perissé (2009), Benjamin (1987) e Derdik (1988), com os quais dialoguei durante as minhas análises num processo de semear, cultivar, apreciar e colher os frutos sensíveis que uma oficina artística possibilita alcançar. A pergunta que mobilizou a exploração por este terreno criativo foi: Quais as possibilidades da educação do sensível e da experiência estética provindas de uma oficina de criação artística em um espaço não formal de educação? Dessa maneira, ampliando os estudos sobre a importância do saber sensível em equilíbrio com conhecimento inteligível, o resultado dessa pesquisa foi significativo e de grande importância para profissionais da educação e áreas afins, pois revelou como a educação do tatear, do degustar, do olhar, do cheirar e do ouvir tem o potencial de formar sujeitos confiantes e autônomos que pensam, refletem, criam e transformam a si mesmo e aos demais a sua volta.

Palavras-chave: Educação do sensível. Experiência Estética. Arte. Mandala.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Teia de aranha	27
Figura 2 – Girassol	27
Figura 3 – Tronco de árvore	27
Figura 4 – Flocos de neve	27
Figura 5 – Mandala sendo elaborada por monges tibetanos	28
Figura 6 – Pedra do Sol (Calendário Asteca)	28
Figura 7 – Rosácea da catedral de Notre Dame de Chartres, na França	29
Figura 8 – Rosácea da catedral de Notre Dame de Paris, na França	29
Figura 9 – <i>Ojo de Dios</i> elaborado pelo grupo indígena Huicholes no México.....	30
Figura 10 – Indígenas do grupo Huicholes no México com seus <i>Ojos de Dios</i>	31
Figura 11 – Crianças do grupo indígena Huicholes criando seus <i>Ojos de Dios</i>	31
Figuras 12 e 13 – Mandalas de fios de oito e doze pontas criadas pela pesquisadora.....	32
Figuras 14 e 15 – Mandalas de fios de oito e doze pontas criadas pelo americano Jay Mohler	32
Figura 16 - Centro em forma de mandala.....	37
Figura 17 - Espaço da oficina de mandalas de fios	37
Figura 18 - Apresentação inicial com as escritas das iniciais dos nomes.....	38
Figura 19 – Momento do processo criativo de mandalas (1)	40
Figura 20 - Momento do processo criativo de mandalas (2)	41
Figuras 21 e 22 - Momentos do processo criativo de mandalas (3 e 4)	43
Figuras 23 e 24 - Momentos do processo criativo de mandalas (5 e 6)	47
Figura 25 e 26 - Momentos do processo criativo de mandalas (7 e 8)	48
Figura 27 - Momento da leitura dos poemas	49
Figuras 28 e 29 - Momentos do processo criativo de mandalas (9 e 10)	50
Figura 30 - Momento da finalização da oficina de mandalas	52

SUMÁRIO

1. ESCOLHENDO O SOLO	11
1.1. METODOLOGIA PARA A ESCOLHA DAS SEMENTES SENSÍVEIS.....	15
2. ADUBANDO O ESPAÇO DO JARDIM.....	19
2.1. ARTE.....	19
2.2. EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO ESTÉTICA	20
2.3. EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL	23
2.4. MANDALAS.....	26
2.4.1 Mandalas de fios	30
3. SEMEANDO A OFICINA DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTIVANDO OS PRIMEIROS BROTO DE MANDALAS.....	35
4. APRECIANDO AS FLORES DO SENSÍVEL.....	53
5. PROPOSTA DE CURSO: COLHENDO OS FRUTOS DO SENSÍVEL	56
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICES	62
APÊNDICE A – CARTAZ DA OFICINA DE MANDALAS DE FIOS	62
APÊNDICE B – CARTAS USADAS NA OFICINA DE MANDALAS DE FIOS.....	63
ANEXOS	66
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE FALAS, ESCRITAS E IMAGENS.....	66

1. ESCOLHENDO O SOLO

Para ouvir o jardim é preciso calar-se,
caminhar sem fazer ruído, é preciso parar-se,
para deixar-se, envolvido, ir ao encontro,
absorver e ser absorvido sem palavras
e sem pensamentos,
dissolver-se em sentimentos,
perder-se em melodias
para achar-se em cantorias.

João Marino Vieira (2007)

A partir das minhas indagações sobre os processos criativos dos quais participei no decorrer do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e em outros momentos da minha vida, percebi que existe algo além do fazer pelo fazer, do racional e do inteligível, pois estes não podem caminhar separados do sensível. Mais que isso, descobri o tempo de pensar, de ouvir, de observar, de cheirar, de degustar, de tocar, enfim, de sentir em todos os nossos sentidos.

Dessa forma, quando iniciei o meu processo de criação de filtro dos sonhos e mandalas no início desse ano de 2014, verifiquei que abri espaço para algo novo e inusitado, uma experiência que vai além de querer ser a mais informada sobre as técnicas de tecer com linhas. Percebi que naquele tempo que estava ali, calada no presente, uma coisa estava me passando, mas não só passando, pois como dizia Larrosa (2002, p. 21), “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. E então comecei a pensar em vários momentos em que já passei simplesmente sem sentir o meu jardim, sem pensar, sem dar sentido, enfim, sem ter experiência. Trago novamente Larrosa (2002, p. 21) para explicar que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, o que toca.”

E a cada instante que ia registrando as imagens e escritas dos processos dessas minhas produções artísticas nas redes sociais, notava que muitas pessoas desejavam estar em contato e também queriam aprender e criar. Além disso, quando recebi um convite da Professora Lenita¹ para expor minhas mandalas no

¹ Professora Amalhene Baesso Reddig (Lenita) do Curso de Artes Visuais e Coordenadora do Setor Arte e Cultura da UNESC.

evento da *Primavera e Paz* da UNESCO² que ocorreria no semestre seguinte, fiquei, a princípio, muito ansiosa e com receio de mostrar minhas criações, pois nunca tinha participado de uma exposição; mas depois, com incentivo da mesma, a vontade e a coragem abriram espaço para a ação e a criatividade em produzir.

A partir de então, comecei a me perguntar sobre o que é isto que chama a atenção das pessoas em querer participar e compartilhar desse fazer artístico? Por que as mandalas captaram o olhar de pessoas que nunca tiveram interesse sobre o assunto?

Diante dessas questões, comecei a perceber que neste mundo contemporâneo, os indivíduos não desejam mais viver apenas na lógica, na razão, nos conceitos e no inteligível; do contrário, tornou-se necessário incluir a sensibilidade para haver um equilíbrio em conjunto. Do ponto de vista de Duarte Jr (2000):

[...] mesclam-se lógica e sensibilidade, razão e sentimento, conceito e estesia, num caldeirão fumegante de novas idéias, novas percepções, novos olhares sobre o mundo e a vida. O que constitui clara indicação de que a educação centrada sobre faculdades humanas isoladas, como o intelecto ou a sensibilidade, só podem mesmo resultar em indivíduos dotados de um profundo e básico desequilíbrio: ao sensível e ao inteligível devem ser propiciadas condições equânimes de desenvolvimento, sob pena da produção de seres humanos arraigadamente desequilibrados, como acontece nos dias em que vivemos. (DUARTE JR, 2000, p. 174-175).

No entanto, na medida em que observava isso nos outros, verificava que na verdade era em mim que esse processo de transformação de equilíbrio estava ocorrendo, principalmente pelo fato de que há quatorze anos trabalho numa instituição financeira onde os números, papéis, regras e metas são o que fundamentam o meu cotidiano, além de toda a objetividade, racionalidade, lógica e rigidez existente neste universo que me condicionou a ser dessa forma. Assim, por essas influências cartesianas, notei que fui aos poucos deixando de lado a criatividade, flexibilidade, subjetividade e sensibilidade na relação com algumas pessoas e com os processos no meu dia-a-dia profissional, na tentativa de me adequar a esse sistema racional.

² O evento cultural *Primavera e Paz* é realizado pelo setor Arte e Cultura da UNESCO e ocorre anualmente na semana do início da primavera, no mês de setembro. Ocorre no Espaço Cultural UNESCO – Bloco da Reitoria e este ano foi a sua 16ª Mostra de Orquídeas. Nesta mostra tem exposições de flores, arte e artesanato, além de oficinas e apresentações artístico-culturais.

Esse desequilíbrio sempre me inquietou e, apesar do meu comodismo por estar nessa situação, não aceitava tais condições. Entretanto, para minha surpresa, só consegui sair desse estado de inércia quando meu corpo deu um sinal de alerta e fui diagnosticada com um câncer de tireóide em 2010, momento em que resolvi mudar o rumo e fazer novas escolhas, criando uma estrada para sair aos poucos dessa vida em que estava acomodada e me entregar para algo que fizesse sentido para mim.

Após o sucesso da cirurgia e dos tratamentos, no início do ano de 2011 escolhi fazer um novo curso de graduação (pois já sou graduada em Administração de Empresas e especialista em Gestão Escolar). A primeira decisão foi entrar para a área da educação, pois era um sonho desde criança de ser professora. E a segunda era saber que curso de licenciatura começar. Então, a escolha por celebrar a vida com as Artes Visuais foi fácil, pois foi só lembrar do que me fazia sorrir, e assim, relembrei dos diversos encontros com as linguagens artísticas que já tive tanto na infância, como na fase escolar e na vida adulta. Encontros que ocorreram em todos locais nos quais já morei (nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina), pois mesmo me mudando fisicamente de cidade, a memória da mente e a emoção sempre vieram junto com o corpo físico. Percebo que não somos sujeitos separados e divididos em caixinhas quadradas, que podem ser descartadas aos quatros ventos; e sim, somos seres integrais feitos com o movimento de pontos e linhas curvas, retas, sinuosas, quebradas e espirais.

Dessa maneira, lembro-me de quando observava minha mãe pintando telas e cerâmicas; e das minhas primeiras ações nesse mundo mais sensível, como: nos primeiros movimentos do balé, nos passos de jazz, nas participações das peças de teatro e declamações de poesias nas aulas de português do ensino fundamental, no coral da escola do ensino médio, na participação da invernada³, no curso de formação em danças circulares, nas aulas de artesanato e pintura em tela, nas diversas visitas a exposições e museus de arte que percorri; e nas vivências com um olhar mais holístico nos cursos de massagem terapêutica, reiki, grupo de mulheres com estudos nos aspectos do feminino e arteterapia. Assim, a partir da revisitação de minhas memórias, percebi que em vários momentos estive curiosa e atenta às descobertas das sutilezas do corpo, movimento, expressão e arte.

³ Grupo de danças tradicionais gaúchas.

Essa história explica o porquê a cada ano que passou no curso de Artes Visuais e a cada contato mais profundo com as produções artísticas eu vou me interessando mais nesse processo de entender a mim mesma e ao outro, nesse equilíbrio necessário que Duarte Jr. descreve entre o sensível e o inteligível. Desse modo, ao pensar em uma questão para cultivar na minha pesquisa e ir em busca da colheita de respostas, me vejo envolta sobre o assunto do sensível em relação à arte em um ambiente não formal de educação, utilizando uma oficina de mandalas como um meio de produção artística. Nessa direção, Gil (2008, p. 17) observa que a pesquisa é um procedimento “sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas propostos”.

Como decidi participar como expositora no evento da *Primavera e Paz* da UNESCO, entendi que a escolha de proporcionar um encontro com a arte nesse mesmo período seria uma oportunidade de conquistar pessoas de diversas idades e escolaridades, que são tanto participantes da universidade como também da comunidade. Pois, conforme Duarte Jr (2000):

Tomar o sensível como fundamento de um processo educacional não tem a ver apenas com os níveis elementares da educação, com a formação da criança e do jovem exclusivamente, mas pode se estender ao longo de toda a vida adulta, com significativo incremento na qualidade de vida dos indivíduos e da sociedade como um todo. (DUARTE JR, 2000, p. 163).

E, além disso, justifica-se por ser um espaço de convivência que integra natureza e cultura, com diversas exposições de orquídeas, arte e oficinas artísticas. Onde a Primavera é vista de uma maneira sensível, transformadora e como “uma esperança que floresce e inaugura um novo tempo. Primaveras de existência, com os melhores sentimentos de gratidão e reconhecimento”.⁴

Então, a partir desses questionamentos e da escolha do solo para iniciar o plantio da minha pesquisa, eis que nasce o problema: **Quais as possibilidades da educação do sensível e da experiência estética provindas de uma oficina de criação artística em um espaço não formal de educação?** Com o tema a educação do sensível e da experiência estética.

Nessa pesquisa, é necessário responder algumas questões que norteiam

⁴ Relatório – Primavera e Paz 2013 - 15ª Mostra de Orquídeas (p. 1).

a problemática central, tais como: O que significa a educação do sensível? Qual a utilidade da educação do sensível nesse mundo contemporâneo? É possível pensar e aprender sobre o sensível fora do ambiente escolar? Como oportunizar a educação da sensibilidade em oficinas de processos de criação? Por que uma oficina de criação de mandalas proporciona a educação do sensível? Qual a relação entre a experiência estética e a educação do sensível?

O objetivo geral foi investigar as possibilidades da educação do sensível e experiência estética em uma oficina de criação de mandalas num espaço não formal de educação. Como objetivos específicos, busco verificar como o saber sensível se fundamenta no processo criativo do indivíduo; identificar qual a importância do saber sensível nos processos artísticos; ampliar os estudos e as relações entre arte e experiência estética analisando-os em uma oficina de mandalas.

Para tanto, o trabalho se estrutura em capítulos delineados da seguinte maneira: primeiramente com a introdução, onde inicio escolhendo o solo para uma experiência estética e planejo a metodologia para a escolha das sementes sensíveis. Depois no capítulo do desenvolvimento, sigo adubando o espaço do jardim com os conteúdos de arte, experiência e educação estética, educação do sensível, e sobre as mandalas, acompanhadas dos autores Duarte Junior (2000), Larrosa (2002), Perissé (2009), Benjamin (1987), Derdik (1988), Coli (2006), Leite (2008) e Meira (2003).

Após essas reflexões, no mesmo momento que descrevo como foi o ato de semear uma oficina de criação artística, vou cultivando e analisando os primeiros brotos dessas mandalas, fazendo diálogos com os autores que adubaram esse terreno produtivo e acolhedor. Por fim, apresento as considerações finais como um momento de apreciar as flores do sensível, olhando para os resultados e pensando na contribuição para a sociedade. Em seguida, compartilho novas ideias através de uma proposta de curso onde qualquer sujeito poderá colher desses frutos da arte e da experiência estética.

1.1. METODOLOGIA PARA A ESCOLHA DAS SEMENTES SENSÍVEIS

Como todo bom cultivo de um jardim, além de mexer o solo é necessário também escolher e inserir as melhores sementes para se ter uma boa colheita.

Dessa forma, essa pesquisa está inserida nas linhas de pesquisa Fundamentos da Arte e Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais da UNESC. Quanto à natureza, essa pesquisa é básica, pois gera conhecimento e decorre do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer, de acordo com Gil (2008).

Em relação à forma de abordagem do problema, essa pesquisa se caracteriza como qualitativa, devido ao seu trabalhar com universo de significados, valores e atitudes através da busca pela sensibilidade e do contato com as experiências estéticas que ocorreram em uma tarde de produção artística. Já em relação aos objetivos, é uma pesquisa exploratória porque tem como “objetivo principal desenvolver ideias com vista em fornecer hipóteses em condições de serem testadas em estudos posteriores”, de acordo com Gil (2008, p.131), revestindo de mais flexibilidade do que os demais tipos de pesquisa. Acredito que essa pesquisa possa auxiliar profissionais e estudantes tanto na área da arte e educação e, como também, em todas as outras, tendo em vista que as ideias aqui colocadas podem indicar caminhos para trabalharmos com o sensível em nossas relações profissionais e pessoais.

Quanto aos procedimentos técnicos, foi realizada uma pesquisa de campo na qual fiz entrevistas semiestruturadas, sem questionários dirigidos e baseada em perguntas sobre experiência estética que foram lançadas no decorrer do processo de ação de cada participante em uma oficina de mandalas que ministrei. Simultaneamente a esse encontro, ocorreu a exposição das minhas mandalas de fios no evento da *Primavera e Paz* da UNESC no mês de setembro de 2014.

O diálogo com o grupo, dessa maneira aberta e descontraída, teve o intuito de sair do campo racional (o que pode ocorrer numa escrita de um questionário respondido numa folha de papel) para que, durante o processo de criação artística, as respostas das questões surgissem espontaneamente, sem muita preocupação com o certo ou errado.

Tornando-se assim, esse momento como um Espaço de Narrativa, que segundo Leite (2008, p.123-124) representa um encontro de um grupo de participantes que não é centrado em uma única pessoa, onde podem ecoar e sobressair “vozes diferentes a cada vez”; o qual ocorre num local escolhido com merecida atenção favorecendo o diálogo. Pois para a autora (2008, p. 124), a percepção do que o local significa individualmente para cada participante “interfere

fortemente em suas respostas”. Leite (2008) ressalta também que nesse espaço “a forma como nos apresentamos [...] acentua ou diminui as tensões de poder”, logo, lembro que durante as minhas falas com o grupo, coloquei-me também como aprendiz no campo da arte e das experiências estéticas e da vida.

Então, após esse encontro, construí a análise dos dados a partir da observação e registros de filmagens das atividades, falas, expressões e atitudes dos participantes, bem como da minha experiência pessoal de estar pela primeira vez focalizando uma oficina de mandalas.

Em um segundo momento, ocorreu uma devolutiva por parte dos participantes, respondendo no que a oficina os mobilizou.

Para organizar esse grupo de participantes, realizei divulgação pela internet em uma rede social e distribuí folhetos pela universidade uma semana antes e durante os dias nos quais ocorreu o evento. O convite foi para que as pessoas tivessem a oportunidade de experimentar a criação de mandalas, parando o ritmo acelerado do seu cotidiano, permitindo-se ter um encontro com experiências estéticas.

O público-alvo da oficina foi aberto, deixando livre para participar tanto crianças, adolescentes e adultos. Fato que realmente ocorreu, pois a faixa etária foi de oito a sessenta e cinco anos.

A oficina foi ministrada na sala doze do bloco Z da UNESC, onde são realizadas as aulas de teatro e performance do curso de Artes Visuais. A escolha desse local foi importante, pois conforme Leite (2008, p. 124), o local é “carregado de valores, regras e hierarquias”. Logo, pensando nessa perspectiva, aquela pequena sala aconchegante, com piso de madeira e sem as mesas convencionais de uma sala de aula universitária oportunizou a organização sobre o chão dos materiais disponibilizados para as criações artísticas, e também, do espaço para degustação, além das almofadas e cadeiras dispostas em círculo. Assim, esse local com uma memória de movimento e criatividade transformou-se naquela tarde em um espaço não formal de educação, que para Gohn (2009) representa:

[...] um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos. Esta formação envolve aprendizagens tanto de ordem subjetiva relativa ao plano emocional e cognitivo das pessoas, como aprendizagem de habilidades corporais, técnicas, manuais etc., que os capacitam para o desenvolvimento de uma atividade de criação, resultando um produto como fruto do trabalho realizado. (GOHN, 2009, p. 32-33).

Dessa forma, nos diálogos sobre experiência, mandalas e arte, fui ensinando os primeiros caminhos das linhas e nós sobre os bambus, e depois os sujeitos ficaram livres para continuar a criar da sua própria maneira. A cada instante, fui percebendo suas atitudes e diálogos, o que me auxiliaram na busca da compreensão das questões norteadoras dessa pesquisa.

2. ADUBANDO O ESPAÇO DO JARDIM

O jardim do tato é o jardim da infância,
o que pega e toca, põe na boca e sente,
Experimental!
Pega a folha do mexerico,
sente-lhe os pelos como fina lixa,
põe o fruto na boca, sente o doce arrepio,
depois diga, tudo o que de fato sentiu.

João Marino Vieira (2007)

Antes de apresentar os dados da pesquisa e sua análise, convido a você leitor, primeiramente, a refletir sobre as teorias que permeiam e adubam essa minha escrita, dialogando com os conceitos de arte, experiência e educação estética, educação do sensível e mandalas.

2.1. ARTE

Para dialogar sobre arte, inicio trazendo Coli (2006, p. 8) que diz que a arte “são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia.” Além disso, o autor comenta que a arte tem uma função de conhecimento:

[...] não-racional, do indizível, da sensibilidade. [...] nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia. (COLI, 2006, p. 111).

Neste entendimento de que a arte nos transforma a partir de um contato com o nosso sensível enquanto estamos realizando um processo artístico, Perissé (2009) também fala que:

A arte abre caminhos onde não há caminhos. Um caminho não se reduz a uma forma sinuosa ou retilínea por onde corremos, apressados, como a fugir de tudo... e de nós mesmos. Caminho é comunicação e vínculo, e por isso está carregado de simbolismo. (PERISSÉ, 2009, p. 87).

É com esse tipo de caminho que a arte abre as portas da comunicação do indizível e onde as pessoas fluem com a sua criatividade no processo artístico, em

conjunto com o simbolismo das linhas, cores, texturas e formas das mandalas.

Quando Perissé (2009) comenta que:

A arte educa na medida em que, atraindo nossa visão, encantando nossa audição, agindo sobre nossa imaginação, dialoga com a nossa consciência. [...] estes estímulos que nos chegam pela arte criam um espaço de liberdade, de beleza, no qual nos sentimos convidados a agir criativamente. (PERISSÉ, 2009, p. 36-37).

Faço relação com a liberdade de pegar, tocar e colocar na boca o fruto do jardim, experimentando o novo e sentindo o arrepio doce do que não era conhecido, pois os estímulos dos nossos sentidos fazem com que nos tornemos criativos. Assim, a arte também nos transforma e nos educa, no momento em que atrai a nossa visão para o que nos encanta nesse ato de descoberta para a imaginação.

2.2. EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Para entender sobre experiência e educação estética, começo com as palavras de Walter Benjamin, que há oitenta e um anos já falava sobre experiência. Benjamin conta através de uma parábola, no seu texto “Experiência e pobreza” escrito em 1933, que a experiência não está no ouro, mas no trabalho. Ou seja, não está no fim pronto e acabado, e sim, no processo da espera e na paciência para compreender. O autor também comenta que as experiências estavam em baixa naquele tempo devido ao contexto da época, que há poucos anos tinha ocorrido a primeira guerra mundial, e ninguém contava nos livros as verdadeiras experiências. Assim, num silêncio de atos comunicáveis, os livros apareciam sem as experiências desmoralizantes da guerra, da fome, do corpo e da moral.

Benjamim (1987) diz que esses valores culturais fazem com que a pobreza da experiência ocorra, pois:

[...] se revela, com toda clareza, que nossa pobreza de experiências é apenas uma parte da grande pobreza que recebeu novamente um rosto, nítido e preciso como o do mendigo medieval. Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorratamente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. (BENJAMIM, 1987, p. 115).

Dessa forma, o autor diz que como a experiência foi subtraída sorrateiramente das pessoas, os homens desejam “libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso” (BENJAMIM, 1987, p. 118). E no cansaço e exaustão dessas tristezas e desânimos, o autor continua, dizendo que agora se segue o sonho, onde se realiza nas noites o que não pode ser realizado no dia por falta de forças.

Mesmo passando várias décadas, esse texto é atual, pois muitas pessoas ainda tem medo e receio de ter experiências, em estar abertos para o novo, para algo que mude de sentido e as transforme. Algumas vivem apenas no sonho, sem passar para a realidade o que realmente desejam que de bom ocorra.

Logo, nesse mundo atual, Larrosa (2002) também concorda que a experiência é algo raro devido a vivermos com tantas coisas, como os excessos de informação, opinião e trabalho, e, em contrapartida, com a falta de tempo de sentir algo, pois vários estímulos passam muito rápido ao nosso redor, sem tempo de registrar, memorizar e ter conexões significativas entre os acontecimentos. Nessa obsessão e correria pela informação, o autor fala que a possibilidade da pessoa ter experiências é cancelada, e “o que consegue é que nada lhe aconteça” (LARROSA, 2002, p. 22). Tornando-se um “consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio” (LARROSA, 2002, p. 23).

Larrosa (2002) descreve que essa falta de silêncio e de memória faz com as experiências não nos aconteçam, tanto na educação como na vida profissional dos sujeitos. Pois sujeitos modernos:

[...] ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece. (LARROSA, 2002, p.24).

Portanto, para Larrosa (2002), a experiência só existirá quando conseguirmos um ato de interrupção para que algo nos toque ou nos aconteça. É o momento que o sujeito consegue:

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p.24).

Compreendendo esses conceitos, a arte e a educação estética podem auxiliar os sujeitos a terem uma experiência estética e sensível, pois no momento da apreciação saímos da nossa rotina e pensamentos automáticos e paramos para refletir e perceber os nossos sentidos do corpo e a sensibilidade das coisas ao nosso redor.

Perissé (2009) relata que é no encontro com a arte que a experiência estética nasce, e que:

[...] para apreciar e avaliar a beleza que há no mundo, ou numa obra de arte, ou num rosto de uma pessoa, ou numa ação que alguém realize, ou num eletrodoméstico... não basta ter olhos para ver (ou ouvidos para ouvir, no caso de obra musical). É preciso possuir adequada disposição interior para apreciar e avaliar melhor, para interpretar melhor o que vemos/ouvimos. Essa disposição se liga à educação estética (PERISSÉ, 2009, p. 27).

Segundo o autor, para viver esteticamente é necessário aprender a imaginar, sentir, pensar, falar e mover-se conforme os valores das diversas linguagens artísticas, como a literatura, cinema, teatro, pintura, música, artes visuais, dança, entre outras. Pois nessa percepção de diferenças, multiplicidade e complexidade existem “muitas verdades que nos rodeiam e solicitam nossa atenção. [...] A arte, contrariando ou afirmando nossas inclinações, gostemos ou não do que estamos vendo ou ouvindo, sempre nos ensina algo sobre nossa humanidade” (PERISSÉ, 2009, p. 90).

E para Meira (2003, p. 27), estética é “a criação contínua de conceitos para explorar o campo do sensível, do gosto, da imaginação, das paixões, das intuições, das emoções.”

Fazendo relações com esses autores, percebe-se que a experiência estética transforma o sujeito em um ser confiante para criar, pensar, mobilizar, compreender, e olhar de uma maneira mais sensível para a mesma coisa que olhava antes sem essa reflexão. Onde vive no instante do agora, aceitando o incerto

e o imprevisível, sendo singular nas suas ações e se abre ao desconhecido.

2.3. EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

Em relação ao tema educação do sensível, apresento o autor Duarte Jr (2000), o qual inicia explicando a diferença entre o inteligível e o sensível, entre o conhecer e o saber:

O inteligível consistindo em todo aquele conhecimento capaz de ser articulado abstratamente por nosso cérebro através de signos eminentemente lógicos e racionais, como as palavras, os números e os símbolos da química, por exemplo; e o sensível dizendo respeito à sabedoria detida pelo corpo humano e manifesta em situações as mais variadas, tais como o equilíbrio que nos permite andar de bicicleta, o movimento harmônico das mãos ao fazerem soar diferentes ritmos num instrumento de percussão, o passe preciso de um jogador de futebol que coloca, com os pés, a bola no peito de um companheiro a trinta metros de distância, ou ainda a recusa do estômago a aceitar um alimento deteriorado com base nas informações odoríficas captadas pelo nosso olfato. Conhecer, então, é coisa apenas mental, intelectual, ao passo que o saber reside também na carne, no organismo em sua totalidade, numa união de corpo e mente (DUARTE JR, 2000, p.132-133).

Nessa compreensão de que também somos sujeitos com a sensibilidade do corpo, que é diferente do nosso lado racional e mental; e que quando temos a consciência de que existe um saber em nossos cinco sentidos (do olhar, da audição, do tato, do paladar e do olfato) e nos nossos movimentos e nos equilíbrios harmônicos que criamos nas relações da vida, percebemos que existe uma integralidade entre corpo e mente. E por isso, não devemos ser educados de modo fragmentado, mas infelizmente, é o que acontece na nossa civilização ocidental.

Na sociedade industrial e capitalista, a educação do sensível é esquecida na maioria das escolas e famílias, em detrimento de ensinar apenas o conhecimento técnico e inteligível, criando sujeitos insensíveis, restritos e distantes de tudo o que passa a sua volta. Para o autor, é necessário, portanto, recuperar essa educação e manter um equilíbrio entre os dois campos da sensibilidade e intelecto, transformando as pessoas em sujeitos equilibrados.

Duarte Jr (2000) afirma que muitas vezes não percebemos a importância e a utilidade desses saberes sensoriais e sensíveis, pois vivemos num mundo corrido, moderno e ocidental:

[...] movemo-nos entre as qualidades do mundo, constituídas por cores, odores, gostos e formas, interpretando-as e delas nos valendo para nossas ações, ainda que não cheguemos a pensar sobre isto. Comportamento que pode ser debitado a esta nossa maneira ocidental e moderna de viver, com sua valorização daqueles conhecimentos provenientes tão-só da esfera da razão intelectual, em que pese uma certa redundância de termos. (DUARTE JR, 2000, p.169).

Já em relação à educação do sensível e a educação estética, o autor diz que elas caminham juntas, visto que a estética deve ser vista com um olhar sensível como em um ambiente onde existe há possibilidade de se desenvolver a percepção artística e estética em torno de onde vivemos. Uma percepção que pode aprimorar os sentidos no instante em que há uma transformação em sujeitos mais atentos e sensíveis para as coisas que nos acontecem.

O autor comenta que quando trabalhamos com a educação do sensível nos tornamos mais criativos, pois a sensibilidade dos nossos sentidos “aos detalhes e particularidades, ocultas aos insensíveis, afigura-se, como deflagradora de outros processos mentais, dentre eles o pensamento e esse seu desenvolvimento mais rigoroso na forma de um raciocínio lógico-conceitual” (DUARTE JR, 2000, p.191-192).

Em relação à criatividade e a educação, Perissé (2009) diz que o professor deve criar encontros nas suas aulas com ações que encorajam o outro a aprender e a ensinar. Onde, através das verdades poéticas, pode-se inventar e criar com ludicidade, o que possibilita o aluno a pensar, refletir, imaginar e criar num tempo diferente, o qual não passa no mesmo ritmo do nosso relógio de pulso.

Dessa forma, quando pensamos em um ser criativo, sabemos que este não é:

[...] aquele que simplesmente resolve uma questão, mas sim aquele dotado da acuidade e da sensibilidade para descobrir um problema, uma inadequação, um mau funcionamento, uma possibilidade de melhora ali onde todos os outros não vêem qualquer dificuldade. (DUARTE JR, 2000, p.191-200).

Aqui faço relação com a necessidade de se trabalhar a criatividade e a sensibilidade em todas as profissões, tanto da área das ciências humanas, como das exatas e biológicas. Para que as pessoas enxerguem além de seus biombos quadrados “protegidos” por seus carimbos de chefes, computadores e planilhas de

vendas; para que elas possam olhar o outro como semelhante e não apenas como mero consumidor que auxiliará nas suas metas a serem alcançadas e depois serão trocados por outros; e, para que os chefes sejam criativos para pensar e refletir em como melhorar o trabalho em grupo e viver em harmonia.

Dessa forma, neste lugar que precisamos viver com mais afetividade, sensibilidade e curiosidade, Leite (2008) também apresenta o mundo sensível ligado à arte:

[...] a arte nos leva para outros mundos, outras sensações, outros sentimentos. Ela mexe não só com nossa cognição, mas com nossos afetos e, por isso, nos afeta. Tudo o que vemos no cinema, ouvimos no rádio, contemplamos num quadro, assistimos numa dança, vemos numa paisagem, percebemos na arquitetura de uma cidade, etc. é acrescido ao nosso acervo de imagens, sons e movimentos. (LEITE, 2008, p. 63).

Nessa direção, Duarte Jr (2000) comenta que nas escolas é importante que os alunos tenham a possibilidade de descobrir novas formas, cores, texturas, odores, sabores, linhas e sons diferentes dos que eles já conhecem no seu cotidiano e rotina. Onde a educação do tatear, do degustar, do olhar, do cheirar e do ouvir, crie um sujeito que perceba e compreenda as diferentes realidades em seu entorno e as outras que estão longe das suas vistas.

Essa referência me faz lembrar da experiência de docência que vivenciei no estágio realizado na educação infantil, onde proporcionei às crianças de quatro anos a possibilidade de descobrir e conhecer novas texturas a partir de uma experiência num andar silencioso, de olhos fechados, sobre um caminho de diversos materiais; onde, preparados com seus pés mágicos e entrando na história contada da floresta encantada com príncipes e fadas, eles conseguiram perceber tátil e sensorialmente o que seus olhos não permitiriam enxergar. E depois, com o som da música “Se essa rua fosse minha” eles caminharam várias vezes por cima das texturas, agora com os olhos abertos, rindo e brincando sobre elas. Assim, de uma forma lúdica eles usaram da curiosidade e da imaginação para produzir e criar alegremente após este contato.

O autor ainda relata que para andar nesse caminho de descobertas da sensibilidade, é necessário ter diversos encontros, por exemplo: com apreciação de obras de arte, com diferentes culturas da arte culinária, com caminhadas por trilhas e bosques, com perfumes e cheiros, com paisagens e noites estreladas, e, com

frutas frescas colhidas e saboreadas diretamente do pé.

Pensando nas aulas de arte na escola, trago algumas outras possibilidades para explorar os sentidos em conjunto com os elementos visuais, sonoros e de movimento que estão presentes no cotidiano, mas não temos tempo de observar. Como andar com os alunos pelos jardins e pátios das escolas para ouvir os sons dos pássaros, enxergar as manchas nos muros, ver as sombras que as formas dos objetos fazem na parede e no chão, perceber o cheiro da natureza, imaginar as texturas das nuvens, tocar as linhas e curvas das plantas, sentir o movimento do vento, escutar o som do coração de mãos dadas em roda. E também, perceber o movimento do corpo em silêncio e em equilíbrio nas linhas retas e curvas do meio-fio da calçada, ver um filme e imaginar sua experiência a partir dele, olhar uma produção artística e criar uma história sobre o que mobilizou a agir diferente, entre outras ideias.

Além disso, várias outras formas são possíveis da sensibilidade preencher esse terreno criativo que conecta arte, corpo e mente; tanto dos professores quanto dos alunos, fazendo com que sempre se pense na totalidade do ser. E deixando claro, que esse espaço de ideias está aberto para a imaginação fluir para novos jardins de descobertas.

2.4. MANDALAS

De acordo com O'Connell (2010), a palavra mandala vem do sânscrito – língua clássica da Índia – que, quando traduzida, significa círculo e totalidade. Caracterizam-se por imagens com padrões visuais de formas geométricas simétricas e harmônicas entre si. Onde, dentro de um círculo, elementos concêntricos irradiam de e para o espaço sagrado no centro, simbolizando vários aspectos conforme a cultura que está inserida, entre eles: espiritualidade, cosmo, concentração, iluminação, transformação e meditação (O'CONNELL, 2010). Esses padrões simbólicos aparecem em diversos locais, como na natureza, na arte e na arquitetura.

Em relação ao meio ambiente, O'Connell (2010, p. 150) descreve que “muitos padrões da mandala ocorrem na natureza, como os círculos concêntricos de um tronco de árvore, ondulações na superfície de um tanque, a teia de aranha, um floco de neve ou um girassol”. Além disso, o autor destaca que a mandala simboliza

o padrão universal do universo, ao exemplo da trajetória circular pela qual o planeta Terra percorre em torno do Sol, da forma como a íris irradia em direção à pupila do olho humano e da agitação dos elétrons que giram em torno do núcleo do átomo.

Figura 1 – Teia de aranha.



Fonte: <http://crazypet.com.br>

Figura 2 – Girassol.



Fonte: <http://universemystic.blogspot.com.br>

Figura 3 – Anéis de tronco de árvore.



Fonte: <http://www.thinkstockphotos.com.pt>

Figura 4 – Flocos de neve.



Fonte: <http://fantasticomundocientifico.blogspot.com.br>

Já nas tradições religiosas, as mandalas aparecem tanto no oriente, como no ocidente. No budismo tibetano, os monges criam mandalas de areia, com finalidade de exercitar o desapego e obter cura, proteção, compaixão e iluminação, de acordo com Cipolla (2012).

Figura 5 – Mandala sendo elaborada por monges tibetanos.



Fonte: <http://paraumanovaconsciencia.blogspot.com.br>

Na civilização asteca, o calendário projetava a história do mundo nesta *Pedra do Sol*, que, segundo Toynbee (1986), foi criada em forma de mandala.

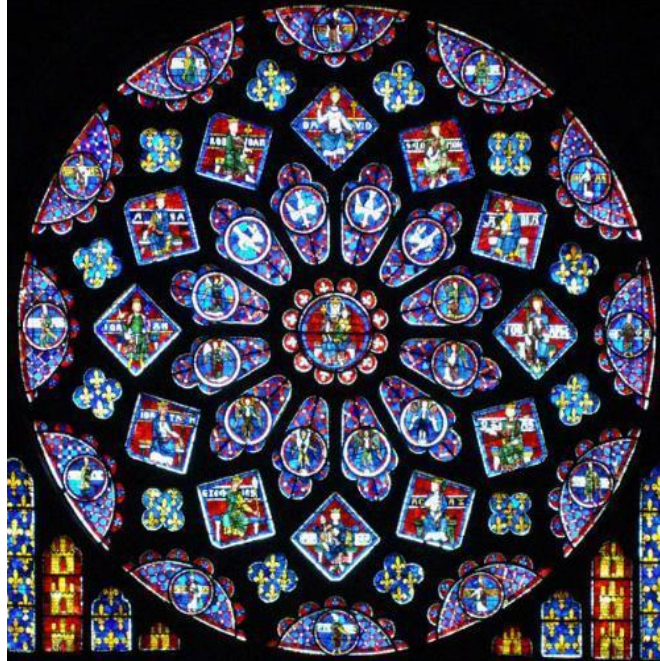
Figura 6 – Pedra do Sol (Calendário Asteca).



Fonte: <http://www.estudeatualidades.com.br>

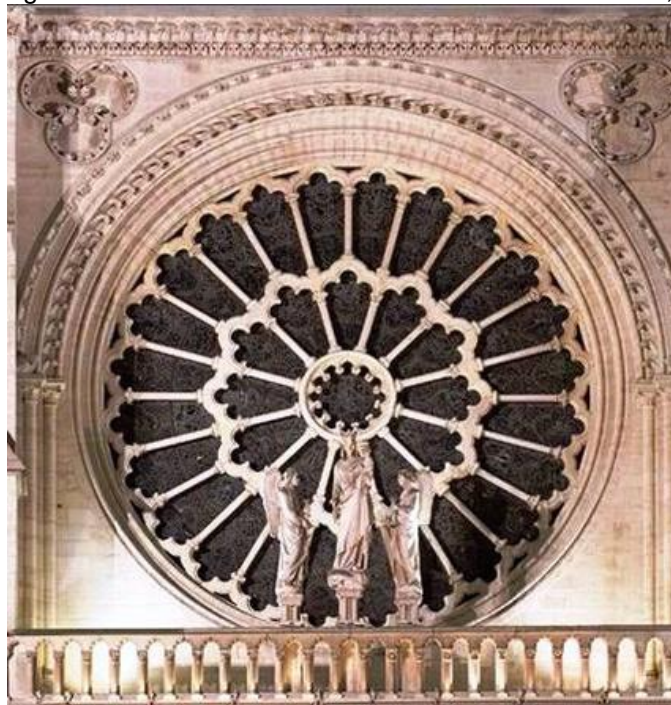
No catolicismo, as mandalas tem nome de rosáceas, onde são construídas como vitrais nas catedrais, geralmente no período gótico, conforme Aubert (1979), simbolizando luz e contemplação.

Figura 7 – Rosácea da catedral de Notre Dame de Chartres, na França.



Fonte: <http://www.gaudiumpress.org>

Figura 8 – Rosácea da catedral de Notre Dame de Paris, na França.



Fonte: <http://www.brasilartesciclopedias.com.br>

2.4.1 Mandalas de fios

As mandalas de fios de oito pontas tecidas na *Oficina* para essa pesquisa têm origem no *Ojo de Dios*⁵, que provem da cultura dos Huichóis, grupo étnico indígena do México que vive em Sierra Madre Occidental nos estados de Nayarit e Jalisco. Conforme descrito por Novello (2014), são autodenominados de *wixáritari*, que significa “povo” na língua nativa *wixárika*. A autora explica que como os Huicholes são pessoas que vivem isoladas da zona urbana, elas ainda mantêm seus traços culturais originais.

Figura 9 – *Ojo de Dios* elaborado pelo grupo indígena Huicholes no México.



Fonte: <http://miryamservervetblog.files.wordpress.com>

Dentro dessa cultura, os *Ojos de Dios* são utilizados como uma arte de fiar e tecer um símbolo sagrado de proteção, pois para os Huicholes, esse objeto mágico é um símbolo “do poder da visão e o do entendimento daquilo que é desconhecido” (NOVELLO, 2014, p. 5). Logo, na sua geometria, as quatro varas representam para eles, os pontos dos quatro elementos do universo: terra, água, ar e fogo. Esses *Ojos de Dios* são elaborados pelos pais no processo de um ritual de proteção espiritual toda vez que uma criança nasce, e a cada ano que se passa, um *ojo* é adicionado ao lado do primeiro *ojo* central, até os seus cinco anos de idade.

Tem a finalidade de diluir as energias negativas que possam estar presentes no seu ambiente, amparando assim, quem os recebe.

⁵ Olho de Deus, na língua portuguesa.

Figura 10 – Indígenas do grupo Huicholes no México com seus *Ojos de Dios*.



Fonte: <http://otrosporlatierra.blogspot.com.br>

Após essa idade, as crianças começam a tecer seus próprios *Ojos de Dios*, como podemos observar na imagem a seguir.

Figura 11 – Crianças do grupo indígena Huicholes criando seus *Ojos de Dios*.



Fonte: <http://otrosporlatierra.blogspot.com.br>

Assim, enquanto na América Central esses objetos artísticos são criados com aquelas simbologias, outras pessoas de outros lugares do mundo se baseiam

nas linhas e formas da cultura dos Huichóis para criar suas próprias mandalas de fios de oito, doze e dezesseis pontas, cada uma com seu traço, ritmo e forma de desenhar no espaço.

Figuras 12 e 13 – Mandalas de fios de oito e doze pontas criadas pela pesquisadora.



Fonte: acervo da pesquisadora

Figuras 14 e 15 – Mandalas de fios de oito e doze pontas criadas pelo americano Jay Mohler.



Fonte: <http://www.ojos-de-dios.com>

E para continuar a explorar as mandalas de fios de oito pontas que usei na *oficina* para essa pesquisa, trago um olhar além da questão cultural e psicológica que representa o símbolo da mandala no mundo, apresento aqui outra simbologia

baseada nos seus elementos visuais e artísticos. Pois de um simples ponto, as lãs vão tomando corpo e forma sobre os bambus, se apoderando do espaço com um ritmo próprio de cada criador e se transformando em linhas coloridas e depois, com direções variadas, em triângulos, quadrados, retângulos e círculos. Aparecendo através de retas, curvas e outras formas individuais, cada um com seu volume e textura singular.

Nesse contexto, percebemos que as mandalas de fios proporcionam uma compreensão da leitura e representação das formas e espaço, a partir dos seus elementos visuais, em especial do ponto, linha, cor, textura, volume, ritmo, movimento, simetria, harmonia, profundidade e equilíbrio. Adequando-se assim, à Proposta Curricular de Santa Catarina (1998), que sugere que esses conteúdos sejam trabalhados criativamente nas aulas de arte.

Esse modo de enxergar e perceber a linha como um gesto que voa pelos espaços fora do papel é como a artista Edith Derdyk apresenta suas produções no vídeo da DVDteca Arte na Escola de 2005, intitulado *Viés*, onde ela explora nas suas produções artísticas a relação entre linhas, texturas e planos, costurando e tramando com tecidos os seus diversos ritmos, formando composições esteticamente belas.

Derdyk (1988) dialoga com essa questão da linha pertencer ao objeto ou ao espaço, nos fazendo refletir sobre os conceitos de desenho quando ela afirma que a linha:

[...] nasce do encontro entre as coisas, ocupando uma região de incerteza. Ela pertence ao objeto ou ao espaço? A linha afirma a poderosa capacidade mental de abstração do homem. Ela não existe em forma palpável e visível na natureza. No campo retangular do papel, onde tudo pode acontecer, a linha é soberana, inventando a natureza artificial da arte. (DERDYK, 1988, p. 150-152).

A autora também comenta que o ponto transforma-se em linha quando ele sai do seu cômodo e repouso a partir dos movimentos dos seus gestos:

O ponto sai do repouso, passeia pelo papel vislumbrando, dele mesmo, uma memória do trajeto; eis a linha. A linha é o depósito gráfico da pulsão, do ritmo, do movimento, da ação motora e energética, revelando no papel pontos, traços, manchas, resultantes da interação mão/gesto/instrumento. Desta interação nascem as qualidades expressivas da linha: a intensidade, a duração, a espessura, a dimensão, o ritmo, a tensão, a tipologia. (DERDYK, 1988, p.144).

Isso já é percebido desde o princípio do primeiro nó dado nas mandalas de fios, simbolizando seu ponto inicial e depois passeando pelo suporte das varas de bambu. Dessa forma, o processo criativo realizado na oficina tem relação com a arte contemporânea dessa artista, na medida em que a mandala sai do campo da terapia e do holístico e brota no ensino da arte. Onde podemos compartilhar com os alunos além da linguagem visual, a cultura e origem dos povos que criam mandalas; identificar as mandalas nas arquiteturas do nosso cotidiano e na natureza; ampliar a percepção tátil, visual e de outros sentidos; e, despertar a concentração e o silêncio interior necessários neste mundo que habitamos.

3. SEMEANDO A OFICINA DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTIVANDO OS PRIMEIROS BROTOS DE MANDALAS

O jardim pode sabor de rosas,
 sabor de olho d'água,
 sabor de manga à sombra de mangueira,
 de goiaba no galho da infância.
 Meu jardim tem sabor de mel
 no ramo de cordão-de-frade;
 tem gosto de cenoura e lebre;
 de laranja ainda flor.

João Marino Vieira (2007)

O início de um encontro não é propriamente na hora que começa, e sim, em todo o processo de reflexão e imaginação que veio antes, como o pensar sobre o espaço, o tempo, as pessoas, os materiais, a maneira de se comunicar e os sentidos que foram instigados naquele encontro, que chamei de *Oficina de Mandalas de Fios*, conforme já descrito brevemente nos textos da introdução e metodologia.

Sob esse ponto de vista, exponho nessas próximas linhas os principais momentos desse contato com a arte, trazendo uma experiência estética e sensível a partir de produções artísticas em conjunto com pessoas dispostas a criar, sentir, tatear, degustar, ouvir, perceber, ver, pensar e refletir. Vivência pela qual percebi que as sementes foram se transformando em sujeitos receptivos e abertos para suas próprias experiências singulares.

Então, ao mesmo instante que descrevo como foi o ato de semear esse momento, vou cultivando e analisando os primeiros brotos dessas mandalas; estabelecendo diálogos com os autores que adubaram anteriormente esse terreno produtivo e acolhedor.

E por respeito às pessoas que participaram dessa oficina, mesmo com as suas autorizações de falas, escritas e imagens assinadas pelos mesmos, substituo seus dados pessoais por nomes⁶ de flores e árvores, preservando as suas identidades de uma forma poética e dialogando com os poemas de *O Jardineiro* (Vieira, 2007). Assim, neste reino das plantas, diversas espécies surgiram para serem semeadas no jardim de mandalas; logo, apresento aqui os nove participantes: *Ipê, Girassol, Acerola, Figueira, Cerejeira, Pinheiro, Pinhão, Rosa e a Laranjeira*.

⁶ Nomes fictícios dos participantes foram usados em itálico para salientar esta simbologia.

Na tarde do dia dezoito de setembro de 2014, cheguei às 15h ao bloco Z da UNESCO, para organizar com compromisso e envolvimento essa *Oficina de Mandalas de Fios* que aconteceu no período das 16h30 às 19h, a qual ocorreu na sala 12 daquele bloco, local cujas disciplinas de teatro e performance são ministradas pelo Curso de Artes Visuais dessa instituição. Naquele período, o local foi transformado em um espaço não formal de educação, sem as regras de notas e avaliações impostas dentro de uma sala de aula tradicional, como também sem as cadeiras enfileiradas que costumeiramente ilustram a maioria das salas de aula.

Pelas vivências que tive e que observei na escola, percebo que essa estratégia de dispor as cadeiras em filas em um espaço tradicional de educação provavelmente cause algumas dificuldades na aprendizagem dos últimos alunos da fila, principalmente pela questão dos sentidos da visão e audição. Além disso, acredito que a organização da sala nesse formato enfileirado faz com que os olhares sejam orientados somente para o professor e não para o grupo como um todo, ocasionando uma lógica unidirecional do processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, pensando em diferenciar-se desses itens apontados e estando em consonância com o contexto da minha pesquisa, crio um espaço para compartilhar e unir diferentes vozes em uma mesma hierarquia, ficando em conformidade com Gadotti, citado por Gohn (2009), que descrevem sobre o que é um espaço de educação não formal:

[...] a educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Seus programas, quando formulados, podem ter duração variável, a categoria espaço é tão importante quanto a categoria tempo, pois o tempo da aprendizagem é flexível, respeitando-se diferenças biológicas, culturais e históricas. (GADOTTI *apud* GOHN, 2009, p. 32).

Inicialmente, com o auxílio da colega Stefani⁷ do Curso de Artes Visuais, a qual me apoiou na organização, fotografias e filmagem de todo esse encontro, fui em busca dos preparativos para que todos os sentidos dos participantes fossem ativados. Então, com um chá de maçã e canela, e, sementinhas de amendoim, amêndoas e castanhas, preparei estes alimentos num canto da sala sobre uma mesa coberta por uma toalha colorida. Em seguida, sobre o chão, fiz um círculo com um tecido e ajeitei delicadamente os materiais que seriam utilizados, como linhas, tesouras, bambus e cartas e três mandalas que eu já havia criado. Ao redor, dispus

⁷ Stefani Tupan da Rosa é colega da 2ª fase do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNESCO.

almofadas e cadeiras para as pessoas sentarem-se confortavelmente e escolherem acomodar-se ao seu próprio gosto naquele ambiente. Dessa maneira, foi criado um ambiente circular onde todos conseguiram ficar na mesma distância do centro, sem hierarquias, possibilitando que o olhar de um pudesse ir ao encontro do outro, sem barreiras e dificuldades.

Figura 16 - Centro em forma de mandala.



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 17 - Espaço da oficina de mandalas de fios.



Fonte: acervo da pesquisadora

Enquanto as pessoas chegavam, percebi que logo iam observando o centro da sala, e emanando olhares curiosos sobre como iriam criar as suas mandalas. Como alguns já se conheciam, diálogos agradáveis eram estabelecidos voluntariamente, e eu ia puxando a conversa com os demais para que ficassem descontraídos.

Uma das participantes ligou avisando que ia se atrasar um pouco, então, resolvi iniciar o encontro convidando a todos ali presentes a sentarem-se nas almofadas ao redor do círculo. Primeiramente me apresentei, dizendo meu nome e relatando que estava cursando Artes Visuais, na oitava fase do curso, mas que só me formarei ano que vem, pelo fato de estar irregular no curso. Comentei que meu interesse nas mandalas e no círculo estão presentes na minha vida há um tempo, por meio da presença nas danças circulares, no grupo de mulheres de estudos de aspectos femininos que participei, na criação de filtro dos sonhos e nas próprias mandalas de fios, o que veio me instigando a pesquisar mais sobre esse assunto,

conectando-o com as Artes Visuais na licenciatura, nas questões estéticas, de apreciação, da sensibilidade no fazer artístico e na experiência estética.

Disse que possuía perguntas na minha pesquisa e que nessa oficina iria levantar tais questões com eles juntamente às suas criações artísticas. Explanei sobre a experiência, que é incerta e que devemos estar abertos para acontecer situações significativas nas nossas vidas, sem prever, pois não está fechada. Destaquei que a experiência é como um círculo e portanto está sempre em movimento.

Depois dessa introdução, pedi que cada um escolhesse uma cor de linha e cortasse um pedaço para eles. Após pegarem suas linhas, propus que escrevessem no chão a inicial seus nomes. E convidei-os a dizerem seu nome, o que são e o que desejam na oficina.

Figura 18 - Apresentação inicial com as escritas das iniciais dos nomes.



Fonte: acervo da pesquisadora

Assim, *Acerola* iniciou o círculo de apresentações dizendo que trabalha no comércio e é acadêmica de Artes Visuais, e que estava ali pela curiosidade de ter mais conhecimento sobre o assunto, além de poder criar a sua própria mandala.

Rosa falou que trabalha no curso de Artes Visuais recebendo e auxiliando os estudantes e que sua procura pelo curso de mandalas foi pela curiosidade, pois para ela, as mandalas trazem leveza e tranquilidade.

Dona Figueira relatou que queria muito saber fazer mandalas, mas que nunca tinha conseguido fazer uma, então, estava ali para aprender. Disse que era

aposentada, do lar, que participa do grupo da terceira idade e do grupo de mães. Neste momento ela tirou do bolso um crochê que fez em forma circular, mostrando sorridente ao grupo o seu trabalho manual. Percebi que mesmo ela não sabendo o conceito de mandala, *Dona Figueira* já criava as suas através dos seus trabalhos manuais.

Ipê se apresentou como acadêmico de Artes Visuais e Técnico em Enfermagem, dizendo que já conhecia a mandala no curso de Psicologia, mas com outra versão, e que nunca tinha feito com fios e que agora teve curiosidade em criar, pois já tinha feito mandalas com mosaico, tijolinhos e em cd.

Pinhão (um menino que veio com sua mãe *Pinheiro*) ficou tímido no momento de se apresentar e disse que não sabia o que devia responder. Olhou para sua mãe, para ver se ela o ajudava. Então eu perguntei quantos anos ele tinha e o que gostava de fazer. Ele respondeu que tem oito anos e que gosta de brincar, jogar e estudar. Perguntei por que ele escolheu fazer a oficina, mas ele não respondeu, e então questionei se foi ele ou a mãe dele que o inscreveu. Ele apontou para a mãe. Logo, como percebi que ele não desejava mais falar, perguntei se queria dizer mais alguma coisa, ele fez sinal de não com a cabeça. E assim, respeitamos seu silêncio e continuamos a roda.

Sua mãe *Pinheiro* se apresentou contando que trabalha numa lanchonete da universidade e que desejou fazer a oficina pois achou muito bonito o meu trabalho, além de que queria fazer também para trazer seu filho junto.

Girassol declarou que é uma pessoa que gosta de fazer amizades, de participar de grupos, de estar na roda, e que sempre gostou de criar mandalas e de desenhar com formas de círculos, comentando por fim que é assistente social e socioterapeuta.

Cerejeira se apresentou falando do sentido e valorização do seu nome a partir do ingresso no curso de Artes Visuais. Disse que sempre gostou de filtros dos sonhos e mandalas; e que na sua casa, cria mandalas de pedras em conjunto com sua neta, a qual tem o gosto de desmanchar e refazer aqueles círculos, mudando sempre de posição as pedras. *Cerejeira* falou que tem interesse pelo círculo, pela roda de danças circulares, pelo equilíbrio, pelo sagrado, pela tolerância. Disse que também é Técnica em Enfermagem (apontando para *Ipê*) e que faz Artes Visuais para fazer projetos nessa área depois que se aposentar. Continuou com a fala de

que está em busca de algo para ter equilíbrio e poder refazer a vida, dizendo que o círculo, na cultura milenar, traz algo de bom no dia a dia, como a serenidade.

Enquanto a *Cerejeira* finalizava sua fala, *Laranjeira* chegou à oficina, e com tranquilidade foi desenhando a inicial do seu nome no chão. Disse que é psicóloga, faz arteterapia e que adora esse movimento circular porque quando move dessa forma ela sente como se tivesse se protegendo, como se tivesse criando uma energia a mais em torno dela, onde cria limites, e respeito a ela mesmo e ao outro.

Após todos falarem, eu disse que quem quisesse poderia se sentar nas cadeiras para ficar mais confortável, de modo a sentirem mais à vontade; e então, comecei a contar a história das mandalas na arte, na arquitetura e na natureza. Depois expliquei mais especificamente sobre as mandalas de fios e sua origem na cultura Huichol como o *Ojo de Dios* (Olho de Deus). Finalizei, comentando que no percurso da linha do círculo, ela se movimenta com a simbologia de não ter começo nem fim.

Em seguida, iniciei a explicação da parte prática de como construir as mandalas de fios com os palitos de bambus e linhas que estavam ali presentes, e também comentei que podem ser criados com outros materiais, como galhos de árvores, palitos de dente e outros tipos de linhas e fitas, basta deixar a criatividade fluir. Enquanto explicava, eu ia fazendo os primeiros caminhos dos pontos que criavam corpo e se transformavam em linhas, e os participantes iam ao mesmo tempo produzindo juntos. Desse jeito, aos poucos fui aguardando e orientando novamente quem solicitava ajuda, para que todos tivessem entendido essa primeira parte do ponto central.

Figura 19 – Momento do processo criativo de mandalas (1).



Fonte: acervo da pesquisadora

Enquanto observava como os participantes faziam e ia dando as próximas dicas, reparei que Pinhão fazia o ponto invertido, entretanto, respeitando este seu movimento singular e respondendo ao seu olhar curioso e desconfiado sobre mim, disse que poderia continuar.

Figura 20 - Momento do processo criativo de mandalas (2)



Fonte: acervo da pesquisadora

Este ato de enxergar a criança e respeitar seu ritmo e espaço me faz relacionar com o cotidiano na escola, momento em que o professor também necessita ser um sujeito sensível. Conforme Duarte Jr (2000):

[...] uma educação sensível só pode ser levada a efeito por meio de educadores cujas sensibilidades tenham sido desenvolvidas e cuidadas, tenham sido trabalhadas como fonte primeira dos saberes e conhecimentos que se pode obter acerca do mundo. (DUARTE JR, 2000, p. 213).

Nesse instante, enquanto todos estavam concentrados criando suas produções, os questioneei se a escolha das cores e o toque da linha da lã os faziam sentir ou lembrar de algo.

Ipê respondeu que pelo o que ele compreende de mandala cada uma tem uma cor e um sentimento, e que sua composição é feita de acordo com que se quer atingir. Quando perguntei sobre o toque e a textura da lã, *Laranjeira* disse que sentiu um pouco de arrepio quando raspava a mão na lã, fazendo gestos com os braços de

como se arrepiava. *Ipê* afirmou que também sentiu arrepio e que às vezes isso gera um incômodo para ele; nesse instante, *Cerejeira* fez relação com a argila, que também gera essa sensação de arrepio nela. *Laranjeira* continuou dizendo que a cor foi muito bem escolhida, pois adora laranja. *Rosa* disse que também adora laranja. *Acerola* falou que gosta do azul porque traz tranquilidade. E por fim, nesse diálogo das cores, comentamos que as escolhas das mesmas é individual e que em cada cultura possui simbologias diversas.

Aqui se pode perceber que, nessas respostas sobre a textura do material, três participantes expressaram sobre o sentimento do arrepio ao tocar a lã. Contudo, notei que isso não os impediu de continuar suas produções, pois de acordo com Coli (2006), o objeto artístico desperta tanto a razão, como as emoções e reações de dentro de nós. Dessa maneira, essa experiência causa uma certa estranheza na medida em que nos faz dar-se conta do nosso próprio corpo físico e do tempo necessário para sentir e falar sobre ele, algo que é negligenciado pela correria do dia a dia.

Para quem já havia feito os dois centros da mandala, orientei que escolhessem outra cor para juntá-los. Mostrei que em uma mão tinha quatro pontas e em outra, outras quatro. E que agora, iria unir uma em cima da outra para transformar numa mandala de oito pontas, mostrando o ângulo e a forma dos palitos. Falei que como não se usa cola, seria o nosso equilíbrio e tensão com as mãos que faria a mandala ficar naquela posição. E na minha produção, mostrei como poderiam percorrer o espaço através dos pontos e nós pelos bambus os quais iriam se transformando em desenhos de linhas e formas.

Como imaginava que essa etapa seria uma das mais complexas, me dirigi individualmente a cada participante que solicitava ajuda, mostrando de perto esses percursos. E enquanto isso, outros já iam produzindo, inclusive o menino *Pinhão* que já havia pegado o embalo de desenhar no espaço. *Rosa* descontraíu aquele momento de aprendizagem perguntando se depois piorava, todos riram e continuaram concentrados.

Pinheiro disse que ia voltar ao trabalho e que o menino *Pinhão* continuaria na oficina. Ele concordou tranquilamente, pois já era o combinado pelos dois. Após alguns instantes, observei a mandala de *Pinhão* e reparei que ele já estava bem adiantado em relação aos demais, então questionei se ele desejaria trocar de cor. Como já tinha verificado que ele não sabia fazer nó, pois a mãe dele que fazia,

perguntei se ele saberia fazer sozinho, ele respondeu que não; então, eu o auxiliiei nessa etapa que provavelmente era o que impossibilitava do menino trocar de cor. Nesse instante, pensei que *Pinhão* talvez estivesse bem adiantado em relação aos outros, pois não estava preocupado com questão da estética de sua mandala, como a simetria, proporção e estrutura das linhas como os adultos estavam; do contrário, ele desejava simplesmente construir da sua própria maneira e se divertir. Faço relação com Duarte Jr. (2000), quando comenta que a criança não tem olhos para ver com um sentido definido e prático, e sim, deseja apenas se divertir e brincar.

Figuras 21 e 22 - Momentos do processo criativo de mandalas (3 e 4).



Fonte: acervo da pesquisadora

Perguntei para o grupo: “Estes nós e dificuldades em realizar as mandalas, fazem vocês pensarem em alguma coisa?”. Nesse momento, *Dona Figueira* suspirou e disse, sorrindo, que faz pensar no desespero de não conseguir fazer. Já *Ipê*, falou que não pensa de modo consciente, mas que inconsciente faz pensar sim. E logo, *Ipê* perguntou se poderia ir por cima, e não por baixo (em relação aos pontos), e eu afirmei que sim, dizendo que eles poderiam criar da sua maneira cada traço, cada linha, cada ponto e forma nas suas mandalas. Deixando livre para a criatividade de cada um aflorar.

Com relação a esse sentimento de desespero trazido por *Dona Figueira*, o autor Perissé (2009) comenta sobre esse medo que é natural, mas que devemos saber o momento de ultrapassá-lo e de aprender com o desconhecido.

O medo é natural. O escuro esconde perigos reais e imaginários. Abrir os olhos? Perigoso! Mas também é uma ação natural. E é quando captamos a beleza do que nos rodeia, vislumbramos as possibilidades de jogo e aprendizado. (PERISSÉ, 2009, p. 81).

Mas para ter coragem para ver a beleza que está a nossa volta, é necessário parar um instante para abrir estes olhos, pois “requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm”, que conforme Larrosa (2002, p.24), é possível que gere uma experiência.

Enquanto estava orientando *Pinhão*, a *Laranjeira* falou: “isso deve trabalhar matemática com as crianças, cognitivamente falando”. Como a maioria concordou, percebi que realmente, o uso das mandalas em outras disciplinas pode auxiliar nessas questões trazidas por *Laranjeira*, pois as diferentes áreas do conhecimento estão interligadas entre si, ou seja, existe muito de matemática dentro da arte e vice-versa. Não podemos estar na escola e ver as aulas fragmentadas ou com preferências de algumas sobre as outras, pois pensar dessa forma é insuficiente, assim como mostra Perissé.

É insuficiente, dentro de uma escola, que haja diferentes disciplinas superpostas num quadro de horários. O estudo de um idioma estrangeiro precisa conversar com a biologia, a física, a química. O estudo de história vai conversar com a língua portuguesa, com a filosofia. (PERISSÉ, 2009, p. 85-86).

O interessante seria se as disciplinas na escola fossem pensadas de uma forma circular como numa mandala cheia de linhas e raios que se irradiam umas nas outras, sem hierarquia entre elas; dessa forma, os conhecimentos poderiam estar vinculados e entrelaçados entre si, e as aulas poderiam ter mais sentido para os alunos.

Nesta estrutura de arranjos de linhas conectadas faço referência ao rizoma, que segundo Martins e Picosque (2010) é uma proposta de construção do pensamento que possibilita a conexão, a ruptura da hierarquização, a heterogeneidade, a cartografia e a multiplicidade; onde abre-se para ligar diferentes conteúdos num sistema livre para ter diversas experiências.

Assim, nessa direção de interdisciplinaridade, penso também que em complemento desses conhecimentos inteligíveis é preciso ao mesmo tempo trabalhar com o saber sensível nas escolas, como trata Duarte Jr (2000):

[...] um esforço educacional que carregue em si mesmo, em termos de métodos e parâmetros, aquela sensibilidade necessária para que a dimensão sensível dos educandos seja despertada e desenvolvida. A educação precisa ser suficientemente sensível para perceber os apelos que partem daqueles a ela submetidos, mais precisamente de seus corpos, com suas expressões de alegria e desejo, de dor e tristeza, de prazer e desconforto. (DUARTE JR, 2000, p. 212).

Em seguida, fiz mais uma questão aos participantes, perguntando: “Alguém faz alguma relação do que estão produzindo com algo do cotidiano de vocês?”. *Dona Figueira* riu e disse enquanto criava sua mandala: “nas aulas de dança também era complicado de pegar, mas tudo que eu quero eu consigo, pois é um desafio grande”. *Rosa* comentou que quando era quatro pontas no início era mais fácil e com oito havia ficado mais complexo.

Cerejeira comentou que acha que ela não estava fazendo direito, mostrando que está ficando para baixo. *Dona Figueira* disse que também estava fazendo errado. Observei as mandalas das duas e falei que estava tudo certo, que cada uma ficava com essa forma mesmo, destacando que não existe uma igual a outra.

Em relação à perfeição, *Cerejeira* disse que conforme ia fazendo, ia adquirindo o jeito de fazer melhor, procurando a perfeição, mas para ela, a perfeição não chegaria nunca, porque todos nós somos passíveis a erro. *Ipê* comentou sobre as mandalas tibetanas que são feitas de areia, e que depois eles desmancham. Então comentei sobre o apego e desapego que eles lidam ao fazer suas mandalas. *Cerejeira* falou sobre a transformação, do fazer e desfazer várias vezes, e deu um exemplo de que quando se desmancha as fibras para criar o seu papel reciclado há uma transformação nesse processo.

Eu comentei com o grupo que isso tudo é uma experiência, dizendo que para mim também estava sendo diferente, pois era a primeira vez que ensinava alguém a fazer mandalas.

Sobre essas dúvidas e incertezas se estão fazendo certo ou errado, e também sobre minha própria experiência de estar ali pela primeira vez como uma ministrante de oficina de arte, trago Perissé:

Abrir caminhos, dedicar-se à arte de ensinar, é atividade repleta de incertezas quanto ao desenrolar dos acontecimentos, à reação dos alunos, aos resultados. Incertezas não assustam o artista. A vida é incerta, a despeito de nossos esforços e conjecturas. O relacionamento humano é incerto. A arte nos ensina que a vida é uma obra de arte em andamento, repleta de surpresas. (PERISSÉ, 2009, p.87-88).

Por alguns minutos o grupo ficou em silêncio e percebi que todos estavam concentrados nas suas criações, onde eles se ajudavam silenciosamente com os materiais, como as tesouras e as escolhas de cores. Depois desse momento, comentei que uma das propostas da oficina de mandalas era fazer desacelerar, pois passamos o dia inteiro cheios de compromissos sem parar para pensar. E quando os convidei para descansarem um pouco e deixar a mandala no chão, alguns negaram e continuaram produzindo. Então, senti que deveria aguardar um instante, e me pus a refletir sobre o que Larrosa (2002, p. 24) fala que “porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece.” E entendendo que é necessário fazer uma parada naquele momento para algo ter a possibilidade de acontecer e não deixar que eles entrem na rotina, pedi para fecharem os olhos um pouco, silenciando não só a fala, mas a mente, e solicitei para imaginarem essa cena deles produzindo as mandalas, e refletirem sobre a pergunta que fiz: “essa produção artística faz vocês verem que imagem ou qual lembrança?”

Alguns segundos de silêncio depois, *Ipê* iniciou falando que trouxe duas imagens, do símbolo do infinito, e uma imagem da sua infância, dizendo; “quando a gente saía para viajar... deu aquela nostalgia... de ir e não saber onde vai chegar, pois quando era criança minha mãe dizia que ia sair, mas não dizia onde ia chegar. E tinha aquela sensação de surpresa. E tenho essa sensação agora, se vai ficar legal (fazendo referência a sua mandala). E este oito, este infinito (ele faz o símbolo do infinito no ar, com as mãos), é uma coisa que parece que não vai ter fim”.

Cerejeira disse que a primeira imagem que veio na mente foi o Sol, pois gosta muito da energia do sol e da cor amarela. Em relação à lembrança, voltou ao tempo de criança, dizendo: “quando morava em Nova Veneza, no quintal, numa parte que plantava aipim, nós brincávamos muito, éramos em cinco irmãos, a gente pegava as folhas do aipim, ficava só aquele cabinho e a gente fazia caveirinha. E este movimento (faz o movimento circular de criar a mandala) me lembrou de quando trançava na mão este mesmo movimento quando criava as cadeirinhas”. *Girassol*, por sua vez, comentou das imagens do Sol, da flor, da luz e do movimento.

Laranjeira também trouxe a imagem do Sol, se referindo ao Sol nascente e seus primeiros raios, principalmente na praia quando vemos o sol nascer (ela faz com as mãos os movimentos de irradiar os raios das luzes do sol), “e também veio

uma coisa de infância, eu imaginei flores, primeira flor que imaginei foi flor de pêssego, que eu amo, mas daí a flor de pêssego se transformou em várias florzinhas, e me lembrei das onze horas. Pois quando era pequena, lá na minha casa, a minha mãe pegava os pneus e pintava e enchia de terra, e ela plantava muitas onze horas coloridas, e eu achava lindo. Pois bem no meio dia, no calor, aquelas florzinhas se abriam. E quando comecei a me lembrar do movimento do fio, veio a imagem na mente do pião que brincava quando criança” (e ela fez o movimento circular de enrolar o pião).

Figuras 23 e 24 - Momentos do processo criativo de mandalas (5 e 6).



Fonte: acervo da pesquisadora

Rosa disse que não veio uma imagem nítida, mas uma sensação boa e uma coisa gostosa.

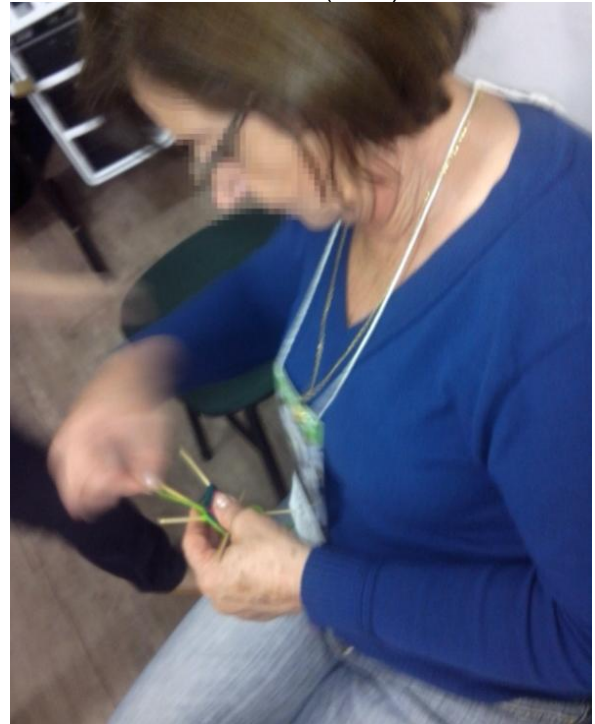
Acerola comentou que quando estava fazendo a mandala, e que não estava dando certo, ela se lembrou da adolescência na sua aula de costura, quando errava e via um detalhe de um ponto e que depois de tudo pronto tinha que desmanchar e repetir. E lembrou-se também, do io-io, do seu movimento circular de jogar.

Dona Figueira falou sorrindo que ao fechar os olhos lembrou que estava muito difícil e complicado, (e todos riem), dizendo rindo: "eu sou uma pessoa assim, começo, e não paro, todas as coisas são difíceis para mim. Quero ver se consigo fazer sozinha".

Perguntei se *Pinhão* queria falar, ele acenou com a cabeça que não. Então *Rosa* comentou sorridente que “*Pinhão* é de trabalhar, ele gosta é de fazer, falar ele não é muito, né *Pinhão*?” (E ele fica quietinho).

Observei que na questão sobre as imagens e lembranças derivadas da produção de mandalas, os participantes trouxeram das suas memórias coisas antigas guardadas com afeto. E coincidentemente, todos referiram-se a lembranças com uma simbologia circular ou de movimento; como na imagem do infinito, num passeio de infância que não sabia o destino, nas imagens do sol, flores e pneus; nas brincadeiras de ioiô, pião e construção de cadeirinhas com tiras das folhas de aipim; e, nos processos de aprendizagem de fazer e refazer.

Figuras 25 e 26 - Momentos do processo criativo de mandalas (7 e 8).



Fonte: acervo da pesquisadora

Nesse sentido, percebo que o ato de criação das mandalas com gestos circulares de transformar pontos em linhas fizeram com que esse tipo de memória fosse evocado, pois, segundo Derdyk (1988), o ponto tem uma memória daquele trajeto, pois deixa marcas através da energia dos movimentos e da relação do ritmo, gestos do corpo e suporte.

Após esse momento, convidei todos para degustar um chá de maçã e canela, além de saborear umas sementes de amêndoas, castanhas e amendoins.

Nesse intervalo, *Acerola* e *Laranjeira* começaram a falar dos brinquedos antigos de crianças e que hoje em dia elas só querem brincar de *beyblade*⁸, comentando que antes se passava mais trabalho para girar as coisas, agora não. E também, assuntos como a lenda e origens dos filtros dos sonhos vem à tona nessa parada de tempo.

Após o intervalo, convidei o grupo a tirar uma carta que estava no meio do centro da roda. Comentei que cada carta tem um trecho dos poemas de João Marino Vieira e uma imagem de uma mandala. Primeiramente, disse para eles olharem as suas imagens e depois mostrarem ao grupo. Após, iniciei lendo o poema da minha carta e depois outros participantes leram as suas cartas.

Figura 27 - Momento da leitura dos poemas.



Fonte: acervo da pesquisadora

Percebi que enquanto um participante recitava o seu poema, alguns paravam suas produções para ouvir, e outros, ouviam ao mesmo tempo em que criavam suas mandalas. Observei também, que após a leitura dos poemas, se instaurou novamente, por alguns instantes, um ar de silêncio, tranquilidade e concentração naquela atividade de produção artística.

Dessa forma, nesse e em outros momentos os participantes deram sinais de que o parar e o silenciar foram importantes para que a criatividade aflorasse mais

⁸ Beyblade é um brinquedo semelhante ao pião, mas com novas tecnologias.

intensamente, pois com a concentração do ir e vir das linhas sobre o suporte do bambu e do espaço, as mandalas foram aparecendo e o desejo de construir algo além do ponto inicial foi tomando conta de todos. Mesmo que para alguns, o início tenha sido marcado pela ansiedade e medo do desconhecido, a determinação e vontade de criar sobrepuseram esse sentimento de achar que não seriam capazes.

Esse instante de interromper a rotina agitada do cotidiano cria um campo no corpo e mente para que seja possível parar para pensar, olhar e escutar mais lentamente. Pois conforme Larrosa (2002) sugere, dessa maneira há um potencial para conseguirmos nos expressar sobre o que nos acontece naquele encontro, tanto consigo mesmo, como no contato com a experiência do outro.

Assim, nesse jardim de mandalas, as plantas e flores continuaram a criar enquanto dialogavam sobre assuntos de infância, família, memórias e fotografias.

Figuras 28 e 29 - Momentos do processo criativo de mandalas (9 e 10).



Fonte: acervo da pesquisadora

Em seguida, *Ipê* me chamou, mostrando sua mandala e dizendo que a havia terminado. Além disso, falou que achou muito legal a experiência e ficou uns instantes a admirando. Percebi que ele estabeleceu um olhar que vê além do simples objeto. E assim, *Ipê* ficou por um tempo nesse ato contemplativo apreciando os detalhes da sua própria criação.

A seguir, fiz a pergunta ao grupo: “Essa produção e criação fez vocês pensarem em algo para mudar na vida de vocês?”. Após alguns segundos de silêncio, *Acerola* comentou sobre estar sempre buscando algo na vida. *Laranjeira* falou também dessa busca, de agora ter que olhar para trás um pouco, de buscar um cuidado de si. *Ipê* disse que a lição dele foi de persistência, que no começo

achava que não ia dar em nada e que iria errar. E como ele foi persistente, ele gostou do resultado final. Além disso, falou: “As vezes... não que eu desista na primeira, mas é que eu não costumo tentar muitas vezes, sabe. Tento no máximo três vezes. É bom ver o resultado positivo, gostei, foi bom.”

Girassol comentou sobre o foco na mandala e na vida, que muitas vezes tem que parar, olhar de fora, e que às vezes acaba mudando a cor e a forma, ver o que tem para resolver e a decisão a tomar. Disse que “às vezes coloca-se tão de cabeça para resolver, que essa parada de olhar de fora é necessária, para depois voltar a construir sua mandala, com sugestões de outras pessoas, olhando a mandala do outro.” *Girassol* continuou, afirmando que “na nossa vida são essas trocas, as transformações, valorizando as pessoas que passam, as linhas, cada traçado, cada ponto, inventando pontos; pois temos um caminho que nos é dado, mas o que nos impede de mudar?”. Também fez referência ao poema do jardim, que está em construção, e que para alguns a mandala é uma obra de arte ou uma composição de cores e para outros serão tocados sensitivamente ao vê-la.

Já *Dona Figueira* disse: “nunca desista de nada, tem que ter pensamento positivo, não pode dizer que não vai dar, nunca é tarde para conseguir as coisas, tem gente com noventa anos aprendendo a pintar”.

Portanto, no momento de saber sobre as mudanças que essa oficina de produção artística poderia mobilizá-los em algo, trouxe uma síntese dos seus comentários onde falaram sobre a busca de alcançar algo novo tanto no exterior, como no olhar para dentro e se compreender melhor; na valorização de tudo que se passa ao redor, nas linhas, nos traçados, nos pontos, no outro, para que haja transformação em cada momento. Logo, essa reflexão está em conformidade com a ideia de Perissé (2009, p. 26), quando afirma que o “deleite estético pressupõe e provoca inteligência, a memória, a imaginação. Não se trata de algo que afete apenas nossos sentidos externos, mas todo nosso corpo e toda nossa interioridade”.

Após essas reflexões, continuei ensinando a parte prática e as diversas maneiras de finalização das mandalas. E enquanto uns terminavam, outros iam olhando a produção dos outros colegas, observando os pontos diferentes que cada um fez, perguntando como fizeram isto e aquilo, com curiosidade de aprender mais. Observei também que *Dona Figueira* tentou ensinar *Pinhão* a fazer um nó, e ele foi ao seu encontro, prestando atenção nos ensinamentos da querida senhora.

E assim, a oficina foi sendo finalizada, onde após abraços fraternos e vínculos de amizades que ali se iniciou ou fortaleceu, fizemos uma foto em grupo gritando e desejando “MANDALA!!!” a todos.

Figura 30 - Momento da finalização da oficina de mandalas.



Fonte: acervo da pesquisadora

Por fim, neste mundo que estamos pobres de experiência e que vivemos em paisagens “diferentes em tudo, exceto nas nuvens”, tal como descreve Benjamin (1987, p. 115), fiquei encantada por ter observado que o céu dessas pessoas – o qual tive a oportunidade de conviver por algumas horas – tenha mudado de cor e, talvez, até de forma e paisagens...

4. APRECIANDO AS FLORES DO SENSÍVEL

Não se vê o jardim passando por ele pronto, acabado.
 Não se vê o jardim percorrendo
 os caminhos definidos entre canteiros
 e, em cada um, enumerando os habitantes.
 Para ver um jardim é preciso
 mais do que estar nele.
 Ver um jardim é vê-lo nascer,
 brotar e crescer: acompanhar as chuvas,
 que caem sobre as ervas luzentes.

João Marino Vieira (2007)

A época em que aparecem as flores é quando tomamos consciência sobre tudo o que ocorreu no processo, para se preparar para os seus frutos e a sua colheita. É também quando fazemos as conclusões para compreender se estamos no caminho certo e como foi a trajetória dessa escrita.

Olhando para a minha questão de pesquisa: “Quais as possibilidades da educação do sensível e da experiência estética providas de uma oficina de criação artística em um espaço não formal de educação?” e refletindo sobre o que vivenciei neste trabalho e também no caminho simultâneo de participar de uma exposição com as minhas mandalas, percebo que saio desse processo diferente de como entrei. Noto que se tinha dúvidas sobre se o sensível poderia modificar e transformar alguém a partir da arte, tenho agora a certeza de que ele toca e mobiliza a todos que se permitem entrar neste saber de equilíbrio com o corpo, mente e arte. Pois foi o que percebi com o que aconteceu comigo e com os participantes da *Oficina de Mandalas de Fios*, os quais aceitaram e se entregaram a experimentar algo novo, interrompendo seu tempo corriqueiro para uma tarde de experiência estética. O que reforça o objetivo inicial de investigar as possibilidades da educação do sensível e experiência estética em uma oficina de criação de mandalas num espaço não formal de educação.

Um tempo que possibilitamos criar e ouvir histórias de pessoas até então desconhecidas e de outras pessoas que conhecemos no dia-a-dia, mas que pela correria da nossa rotina apenas conversamos *com* elas e não *sobre* elas. Assim, relatos de lembranças de vida que talvez estivessem esquecidos por não termos tempo de pensar e olhar para eles; e, ideias de como mudar e mobilizar os nossos

pensamentos, sentimentos e caminhos foram mostrados nessa pesquisa com muita naturalidade e sinceridade por todos os envolvidos.

Portanto, o resultado significativo desse trabalho se percebe no capítulo que analisei os momentos de semear e cultivar a *Oficina de Mandalas de Fios*, bem como nas escritas das devolutivas de alguns participantes. Essa devolutiva foi uma resposta à pergunta: “De que forma a oficina de mandalas de fios te mobilizou?”, a qual fiz depois de dez dias passados daquele encontro. Dentre elas, compartilho a fala de *Acerola*:

A oficina de mandalas me mobilizou na questão da percepção e paciência. [...] Lembranças em minha mente vinham, a sensação de voltar ao passado, e ao mesmo tempo estar presente executando, aprendendo algo novo, me fazia sentir viva, e alegre por estar participando deste momento. Tocar na linha, olhar as diferentes cores, faz com que meus pensamentos se organize para aquele momento. Foi muito bom, participar e sentir a presença de cada um. Cada um no qual, com suas limitações, dificuldades e até mesmo, outros com muita facilidade o mesmo, que se apresentava tão quieto, e que tinha uma habilidade incrível. Me faz perceber as diferenças que cada um tem mas, que é possível, sim superar. Foi um momento especial, de conhecimento, aprendizado e de boas energias, uns com os outros. Momento de paz e tranquilidade.

E também apresento o comentário de *Ipê* que demonstra como essa *Oficina* despertou a sua criatividade e sentimentos:

A oficina instigou a pensar nas possibilidades de usar materiais diferentes e das formas possíveis. Internamente a mandala é viciante. Depois da oficina já fiz 8 ou 10 mandalas. [...] Me motivou intrinsecamente. Mas a resposta é cíclica, eu sei que algo muda internamente [...]. Motivou a concentração e a paciência e a ser persistente, pois são sensações que preciso reforçar.

Além dessa fala, existem outras que levo comigo, no meu caminhar pelos jardins reais e imaginários, com outros porquê a serem pesquisados no futuro a partir desses *fios condutores de sentidos e descobertas*.⁹

Dessa forma, noto a importância e a utilidade de estimular a sensibilidade em conjunto com produções artísticas, tanto na educação não formal, como em ambientes escolares e profissionais, pois auxilia na criatividade, percepção, imaginação, expressão e afetividade, nos momentos de experiências estéticas.

Pois de acordo com Duarte Jr (2000) a educação do sensível possibilita uma percepção do mundo, do conhecimento de si e do outro:

⁹ Em itálico segue um trecho da devolutiva da participante *Cerejeira* sobre a *Oficina de Mandalas de Fios*.

[...] através de nossa sensibilidade e nossa percepção, que permitem nos alimentarmos dessas espantosas qualidades do real que nos cerca: sons, cores, sabores, texturas e odores, numa miríade de impressões que o corpo ordena, na construção do sentido primeiro. O mundo, antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto sensível. (DUARTE JR, 2000, p.14)

Tendo essa compreensão, essa pesquisa não é acabada aqui, pois como em um jardim que está sempre em um movimento circular de nascer, brotar e crescer; esse trabalho segue numa continuidade de aprendizagens e conhecimentos, onde eu espero que outras criaturas¹⁰ mergulhem em novas pesquisas sobre esses assuntos a fim de que mais pessoas possam ser atingidas por esta flecha invisível repleta de sensibilidade.

E, pensando na harmonia entre o inteligível e o sensível necessário para vivermos neste planeta, desejo a mim e a você leitor, que quando tiver esquecido que existe a sensibilidade no mundo e quando achar que a razão prevalece sobre os sentimentos, que você esbarre em uma floresta, um bosque ou um pequeno jardim, num dia ensolarado ou numa tarde chuvosa. E que sinta seu próprio ser através do ato singelo de respirar o ar puro sentindo preencher suas células de energia, de tocar a textura de uma folha colorida compreendendo as linhas e pontos do outro, de saborear o orvalho sobreposto no caule de uma árvore sentindo o gosto do que já se foi, de observar uma abelha carregando o pólen de uma margarida percebendo a interligação entre todos os seres desse mundo, de ouvir o criquilar dos grilos e o coaxar dos sapos refletindo sobre como você se expressa e se comunica para os outros e de ver o rastro deixado pela trilha da lesma observando suas memórias corporais presentes naquele encontro ou nessa leitura.

Então, nessa experiência estética e sensível que você se permitirá sentir, desejo que seus sentidos arrepiem e estremeçam seu coração avisando que é o momento de prestar mais atenção no seu corpo, para que você se equilibre e possa deixar suas marcas enquanto encanta nas suas aulas de Artes ou em qualquer outro lugar que você estiver; construindo com o outro um rastro de amor, entrega e confiança.

¹⁰ Termo usado para representar sujeitos sensíveis, baseado no trecho do poema de João Marino Vieira (2007), onde diz que “o jardim do tato é um jardim de texturas, onde cada criatura é parte da trama” citado na página 56 deste trabalho.

5. PROPOSTA DE CURSO: COLHENDO OS FRUTOS DO SENSÍVEL

O jardim do tato é um jardim de texturas,
onde cada criatura é parte da trama e da ardidura,
estabelecendo contatos únicos e próprios,
potencializando a vida em atos,
tecidos de finos fios, belos e insubstituíveis,
mas frágeis e suscetíveis.

João Marino Vieira (2007)

Depois de apreciar as flores, é momento de colher os frutos e compartilhar com amigos, embaixo do pé da árvore, um novo projeto a ser realizado. Por isso trago uma proposta para que outras criaturas possam tocar e sentir as texturas desse jardim sensível.

Percebo que além dos professores da arte e da educação, outros profissionais também necessitam cultivar sua própria trama sensível repleta de valores, percepção, intuição, desejos, potenciais, autonomia e criatividade. E, acredito que esse cultivo é potencializado a partir de uma experiência estética, pois onde uma pessoa transforma objetos em uma nova forma, ela torna-se consciente e sensível para transformar a si mesmo e o mundo à sua volta.

Quando Duarte Jr (2000, p. 222) afirma que os educadores “precisam realizar suas reflexões em bases amplas, fundadas na percepção das conexões existentes entre os conhecimentos, os saberes, as expressões culturais e as ações cotidianas de todos nós”, observo a importância de ver o outro com um ser integral onde nos reconhecemos à medida que compreendemos a pessoa a nossa frente. E para isso ocorrer acredito que quanto mais cedo começar nas escolas a partir da mudança de postura do professor, mais pessoas poderão ser privilegiadas por saber ter uma consciência do equilíbrio entre o sensível e o inteligível.

Dessa maneira, convido a você leitor, a compartilhar essa proposta de curso em sua escola junto com seus colegas, pois você perceberá a diferença que coisas singelas, mas que estão por vezes esquecidas, possam engrandecer e melhorar o convívio entre vocês e seus alunos. Basta estar aberto para essa experiência!

TÍTULO: JARDIM DO SENSÍVEL

JUSTIFICATIVA:

Para se ter uma experiência é necessário tempo para senti-la, mas você professor pode estar pensando agora que isto é impossível, pois não existe tempo por causa da correria do trabalho, dos planos de aula, das avaliações, das aulas, das reuniões pedagógicas, dos conselhos de classe e de tudo mais que um professor faz no seu cotidiano. Entretanto, Larrosa (2002, p. 24) diz que para você estar aberto a uma experiência, não pode ser um sujeito “da informação, da opinião, do trabalho, do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer”, e sim, precisa ser aquele que possui uma “superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”, e também ser um sujeito que é o “ponto de chegada” e “é sobretudo um espaço onde tem lugar os acontecimentos”.

Portanto, permita-se apaixonar e dar atenção à você.

OBJETIVO GERAL:

Desenvolver a sensibilidade dos educadores por meio de experiências estéticas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Instigar a percepção dos sentidos;
- Possibilitar a interação entre as pessoas;
- Oportunizar a transformação de objetos em pontos, linhas, formas e memórias.

EMENTA:

Educação do sensível, arte, experiência estética, formação continuada de professores.

Carga-horária: um dia e uma tarde de primavera, sendo um total 10 horas para se envolver.

Público alvo: educadores de todas as áreas da educação básica.

METODOLOGIA

Primeiramente, recepcionar os educadores com um abraço apertado e levá-los um de cada vez a uma outra sala, a qual será transformada em um jardim sensível, onde possuirá um caminho de texturas no chão, as luzes estarão apagadas, com aromas de flores e com músicas da trilha sonora do filme *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*. De pés descalços, após cada caminhada individual sobre o caminho, a pessoa sentará num local da sala e permanecerá em silêncio.

Depois de todos passarem, o grupo será unido e entrelaçado com suas mãos e braços, e passarão todos ao mesmo tempo, percebendo a diferença entre o ritmo individual e agora o ritmo do grupo.

Após essa dinâmica, serão convidados a desenhar pontos e linhas sobre um bloco de argila, usando as próprias mãos e/ou materiais como bambu, palito, linha, barbante e galhos; ou até materiais colhidos do pátio fora da sala, deixando-os livres para agir. Nessa experiência, eles serão informados a lembrar dos seus caminhos percorridos nas teias da vida. Deixando-os à vontade para expressarem criativamente estas andanças, mudanças ou desejos de vários momentos marcantes para eles.

Em seguida, enquanto forem degustar com o grupo, chás e frutas com diversas texturas, será criado um espaço para conversar sobre a produção de cada um, mostrando a cultura e história pessoal. Para que no ato de ouvir o outro, esse possa se reconhecer no diferente, percebendo o quão de igual tem dele próprio.

Em outro período, oportunizar um encontro para criação de filtro dos sonhos onde tramarão os seus sentidos e sentimentos enquanto nós, pontos e linhas percorrem o espaço e vão transformando-se em outras formas, tanto o objeto quanto o sujeito que cria.

Para finalizar, possibilitar um instante de socialização e apreciação das produções artísticas do grupo num diálogo em círculo, falando sobre as experiências que ocorreram; de todos sentidos físicos ou não e sobre o que perceberam. E questioná-los se esse contato com a arte os mobilizou em algo, sobre como podem

agir de uma forma diferente com as outras pessoas após saírem dali, sobre os pontos positivos e negativos dessa experiência, e outras questões que surgirão a partir da observação e percepção do grupo.

Enfim, deixo aberta essa metodologia para você alterar como desejar, use de sua criatividade para que mais experiências sensíveis e estéticas ocorram com outros sujeitos.

REFERÊNCIAS DA PROPOSTA

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. UNICAMP. Campinas, SP, 2000. Tese de doutorado.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 19, p.20-28, jan. 2002. Semestral.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, Marcel. **O gótico: no seu apogeu**. Lisboa: Verbo, 1979.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CIPOLLA, Marcelo. **Sinais e símbolos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.
- DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho. São Paulo: Scipione, 1988.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. UNICAMP. Campinas, SP, 2000. Tese de doutorado.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOHN, Maria Gloria. Educação Não-Formal e o Papel do Educador (a) Social - **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 19, p.20-28, jan. 2002. Semestral.
- LEITE, Maria Isabel. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira. (org.) **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.
- MARTINS, Miriam Celeste e PICOSQUE, Gisa. Pra início de uma outra conversa. In: MARTINS, Miriam Celeste et al. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2010. p. 183 – 199.
- MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível**. Porto Alegre: Mediação, 2003
- NOVELLO, Andréa. **Arte têxtil meditativa e terapêutica com mandalas em fio**. Araranguá: Do autor, 2014.
- O'CONNELL, Mark. **O grande livro dos signos e símbolos**. São Paulo: Editora Escala, 2010.
- PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- PROPEX: Setor Arte e Cultura (Org.). **Relatório Primavera e Paz 2013: 15ª Mostra De Orquídeas**. Criciúma: Do autor, 2013.
- SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

TOYNBEE, Arnold; CAPLAN, Jane. **Um estudo da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

VIEIRA, João Marino. **O jardineiro**: poesias de amor à terra. Criciúma, SC: Do autor, 2007.

VIÉS (Edith Derdyk) / **Instituto Arte na Escola**; autoria de Tarcísio Tatit Sapienza; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2005. (DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor).

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARTAZ DA OFICINA DE MANDALAS DE FIOS

OFICINA DE MANDALAS DE FIOS



Dia: 18 (quinta)

Local: Sala 12 - Bloco Z da UNESC

Horário: das 16h30 as 19h

Gratuito (8 vagas)

Inscrições: deluccapaula@gmail.com ou 9613-0405

Paula Oliveira

**Mandala é uma palavra sânscrita que significa círculo ou “aquilo que circunda um centro”.
A partir da criação de mandalas com linhas, cores e formas; o processo artístico e a experiência
estética podem estimular a criatividade, a concentração, o equilíbrio e a harmonia interior.**

APÊNDICE B – CARTAS USADAS NA OFICINA DE MANDALAS DE FIOS

"bem no centro faz-se a roda do silêncio;
 lugar de onde tudo contemplamos,
 de tudo nos distanciamos,
 e, em profunda oração,
 com tudo nos harmonizamos,
 com tudo aprendemos:
 lógica e razão, sentimento e emoção,
 prazeres e afazeres, gostos e desgostos..."

João Marino Vieira
 O Jardineiro (p. 33-34)



" há jardins bem cuidados,
 há outros abandonados,
 outros desordenados
 e há outros ainda intocados.
 Mas o jardim secreto está lá,
 a espera de seu jardineiro"

João Marino Vieira
 O Jardineiro (p. 34)



"O jardim do tato é o jardim da infância,
 o que pega e toca,
 põe na boca e sente.
 Experimenta!
 Pega a folha do "mexerico",
 sente-lhe os pelos como fina lixa,
 põe o fruto na boca, sente o doce arrepio,
 depois diga, tudo o que de fato sentiu."

João Marino Vieira
 O Jardineiro (p. 65)



"No jardim do tato é preciso cuidados
 para sentir-se na teia
 sem romper a seda;
 fazer-se fio e no arrepio de sentir-se parte,
 seguir o rumo da vida,
 como se fosse um único roteiro
 escrito por um mestre jardineiro"

João Marino Vieira
 O Jardineiro (p. 66)+B8



"Para ouvir o jardim é preciso calar-se, caminhar sem
fazer ruído,
é preciso parar-se, para deixar-se, envolvido,
ir ao encontro, absorver e ser absorvido
sem palavras e sem pensamentos,
dissolver-se em sentimentos,
perder-se em melodias
para achar-se em cantorias."

João Marino Vieira
O Jardineiro (p. 68)



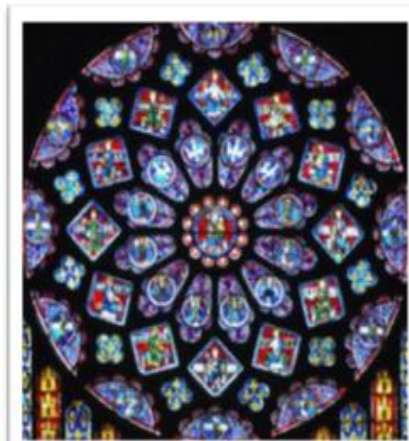
"pelo olfato, o jardim comunica
suavidade e ternura;
dá o presente de presente
a todo aquele que sente,
a todo aquele que busca,
a todo aquele que se faz inteiro,
que se aventura, como jardineiro,
na arte de viver, olfateando primaveras."

João Marino Vieira
O Jardineiro (p. 69-70)



"Ver um jardim é perceber a teia de interações, que um
jardim não é só de flores,
ver além das plantas um universo
que cumpre a missão
de processar e transformar;
Para ver um jardim
é preciso tê-lo dentro de si."

João Marino Vieira
O Jardineiro (p. 63-64)



"não se vê o jardim
passando por ele pronto, acabado.
Não se vê o jardim percorrendo
os caminhos definidos entre canteiros e, em cada um,
enumerando os habitantes.
Para ver um jardim é preciso
mais do que estar nele.
Ver um jardim é vê-lo nascer,
brotar e crescer: acompanhar as chuvas,
que caem sobre as ervas luzentes.

João Marino Vieira
O Jardineiro (p. 63)



"o jardim do tato
é um jardim de texturas,
onde cada criatura
é parte da trama e da urdidura,
estabelecendo contatos,
únicos e próprios,
potencializando a vida em atos,
tecidos de finos fios,
belos e insubstituíveis,
mas frágeis e suscetíveis."

João Marino Vieira
O Jardineiro (p. 66)



"o jardim pode sabor de rosas,
sabor de olho d'água,
sabor de manga à sombra de mangueira,
de goiaba no galho da infância.
Meu jardim tem sabor de mel
no ramo de cordão-de-frade;
tem gosto de cenoura e lebre;
de laranja ainda em flor."

João Marino Vieira
O Jardineiro (p. 71)



ANEXOS

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE FALAS, ESCRITAS E IMAGENS

Criciúma-SC, 18 de setembro de 2014.

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPANTES

Eu, _____ portador do RG _____ (nº da identidade), autorizo a utilização de minhas falas, escritas e imagens. Afirmo estar ciente que os dados fornecidos serão utilizados na pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de PAULA OLIVEIRA DA SILVA DE LUCCA, acadêmica da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo investigar as possibilidades da educação do sensível e experiência estética em uma oficina de criação de mandalas num espaço não-formal de educação.

Atenciosamente,

Assinatura do participante

Criciúma-SC, 18 de setembro de 2014.

AUTORIZAÇÃO PARA PAIS DE PARTICIPANTES

Eu, _____ portador do RG _____ (nº da identidade), mãe/pai/responsável do participante, autorizo a utilização das falas, escritas e imagens de meu filho _____, como dados para a pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de PAULA OLIVEIRA DA SILVA DE LUCCA, acadêmica da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo investigar as possibilidades da educação do sensível e experiência estética em uma oficina de criação de mandalas num espaço não-formal de educação.

Atenciosamente,

Assinatura do responsável

Assinatura do participante